

Camila Ramos Moreira

Avaliação da comunicação no espectro autístico: interferências
no desempenho de linguagem

Dissertação apresentada à Faculdade de Medicina
da Universidade de São Paulo para obtenção do
título de Mestre em Ciências

Área de Concentração : Comunicação Humana
Orientadora : Prof^a Dr^a. Fernanda Dreux Miranda
Fernandes

São Paulo

2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Universidade de São Paulo
Faculdade de Medicina
Departamento de Fonoaudiologia, Fisioterapia
e Terapia ocupacional

CAMILA RAMOS MOREIRA

**Avaliação da comunicação no espectro autístico:
interferências no desempenho de linguagem**

São Paulo
2009

Banca

À minha Família, com toda gratidão

Agradecimentos

Agradeço em primeiro lugar aos meus pais, pela vida, o bem mais precioso que possuo. Em especial, e com profunda admiração à minha mãe, Cristina, que esteve presente e me amparou em cada passo do caminho, mãe te amo!

Às minhas queridas avós Suelly, pelo amor e dedicação, e Cidinha pelo exemplo inspirador de vida.

Ao meu irmão, meus tios Marcos e Rosa e aos meus primos Betânia e Mateus, por me permitirem fazer parte da sua jornada.

Aos meus amigos Janaina, Taciana, Daniel, Diogo, Thatieny, Janayna, Milena, Roberta, Luiz Henrique, Bruno, Júlio, Ernani e Wilson, cuja presença e companhia são fundamentais na minha vida.

Ao Cris, pelo carinho, cuidado, paciência e pelas palavras certas nos momentos em que mais precisei, obrigada!

Às terapeutas Delmar e Teresa, pela grande contribuição e exemplo.

À FAPESP, pelo auxílio financeiro ao desenvolvimento desta pesquisa.

Às queridas colegas de LIF, Liliane, Kenya, Milene, Daniela, Cibelle e Fernanda Sassi, pela ajuda, por compartilhar seus conhecimentos e pelo grande exemplo como profissionais da Fonoaudiologia, obrigada!

Às professoras do Curso de Fonoaudiologia da FMUSP, grandes mulheres que estiveram presentes nas fases iniciais desse caminho, muito obrigada!

E em especial à Professora Fernanda Dreux Miranda Fernandes, uma dessas grandes mulheres com quem tive a honra e o prazer de conviver, minha profunda gratidão, por contribuir no meu crescimento pessoal e profissional, por ajudar a descobrir em mim a terapeuta que sou hoje, por compartilhar seu conhecimento de uma maneira tão bonita e sincera, e por tornar esse sonho realidade, muito obrigada!

Amo muito vocês!

Muito Obrigada!

ÍNDICE

LISTA DE TABELAS	09
LISTA DE GRÁFICOS	11
LISTA DE QUADROS-RESUMO	12
LISTA DE ABREVIATURAS	13
RESUMO	14
SUMMARY	16
1. INTRODUÇÃO	18
2. REVISÃO DE LITERATURA	
2.1. O Autismo, a Abordagem Pragmática e a Atuação Fonoaudiológica	21
2.2. A Funcionalidade da Comunicação no Espectro Autístico e a Investigação do Perfil Funcional da Comunicação (PFC)	26
2.3. Contexto Comunicativo e Familiaridade do Interlocutor: Estudos do Espectro Autístico	38
2.4. Avaliação da Comunicação e o Tempo de Interação	42
2.5. A Metodologia de Pesquisa nos estudos a respeito do Espectro Autístico	44
3. ESTUDO 1	
Familiaridade no Espectro Autístico: Interferência no Desempenho de Linguagem	
3.1. Objetivo e Hipóteses	45
3.2. Método	
3.2.1. Participantes	46
3.2.2. Material	46

3.2.3. Procedimentos	47
3.3. Resultados	52
3.4. Discussão	60
3.5. Conclusão	72
4. ESTUDO 2	
Avaliação Comunicativa no Espectro Autístico:	
Interferência do Tempo de Interação	
4.1. Objetivo e Hipóteses	75
4.2. Método	
4.2.1. Participantes	76
4.2.2. Material	76
4.2.3. Procedimentos	77
4.3. Resultados	79
4.4. Discussão	96
4.5. Conclusão	99
5. Conclusão Final	101
6. ANEXOS	103
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	120

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Índices de Desempenho de Linguagem com diferença estatisticamente significativa entre as Situações Familiar e Não-Familiar

Tabela 2 - Funções Comunicativas mais utilizadas nas Situações Familiar e Não-Familiar: significância estatística das diferenças

Tabela 3 - Comparação das Funções Comunicativas Mais Interpessoais e Menos Interpessoais em cada Situação (Familiar e Não-Familiar): diferenças entre as médias

Tabela 4 - Funções Comunicativas com diferença estatisticamente significativa entre as Situações Familiar e Não-Familiar

Tabela 5 - Comparação da Porcentagem de Interpessoalidade entre os períodos inicial (P1), intermediário (P2) e final (P3) na Situação Familiar

Tabela 6 - Comparação da Porcentagem de Interpessoalidade entre os períodos inicial (P1), intermediário (P2) e final (P3) na Situação Familiar

Tabela 7 - Diferença das Porcentagens de Interpessoalidade em Situação Familiar nos Períodos 1, 2 e 3 de interação

Tabela 8 - Comparação dos índices de desempenho com diferença estatística significativa entre as Situações Familiar e Não-Familiar no Período Inicial (P1)

Tabela 9 - Comparação dos índices de desempenho com diferença estatística significativa entre as Situações Familiar e Não-Familiar no Período Intermediário (P2)

Tabela 10 - Meios comunicativos com diferença estatisticamente significativa entre as Situações Familiar e Não-Familiar no Período Intermediário (P2)

Tabela 11 - Meios comunicativos com diferença estatisticamente significativa entre as Situações Familiar e Não-Familiar no Período Final (P3)

Tabela 12 - Comparação da porcentagem de atos comunicativos com função menos interpessoal Jogo entre os períodos inicial (P1), intermediário (P2) e final (P3) na Situação Familiar

Tabela 13 - Diferença das porcentagens de atos comunicativos com função menos interpessoal Jogo entre os períodos inicial (P1), intermediário (P2) e final (P3) na Situação Familiar

Tabela 14 - Comparação da porcentagem de atos comunicativos com função menos interpessoal Exploratória entre os períodos inicial (P1), intermediário (P2) e final (P3) na Situação Não-Familiar

Tabela 15 - Diferença das porcentagens de atos comunicativos com função menos interpessoal Exploratória entre os períodos inicial (P1), intermediário (P2) e final (P3) na Situação Não-Familiar

Tabela 16 - Comparação das funções comunicativas menos interpessoais com diferença significativa entre as Situações Familiar e Não-Familiar no Período Inicial (P1)

Tabela 17 - Comparação da função comunicativa menos interpessoal com diferença significativa entre as Situações Familiar e Não-Familiar no Período Intermediário (P2)

Tabela 18 - Comparação da função comunicativa menos interpessoal com diferença significativa entre as Situações Familiar e Não-Familiar no Período Final (P3)

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Índices de Desempenho de Linguagem: comparação das médias encontradas nas Situações Familiar e Não-Familiar

Gráfico 2 - Meios Comunicativos: comparação das médias encontradas em Situação Familiar e Não-Familiar

Gráfico 3 - Funções Comunicativas: comparação das porcentagens médias encontradas em Situação Familiar e Não-Familiar

Gráfico 4 - Índices de Desempenho de Linguagem: comparação das porcentagens médias encontradas em Situação Familiar e Não-Familiar em cada Período (P1, P2 e P3)

Gráfico 5 - Meios Comunicativos: comparação das porcentagens médias encontradas em Situação Familiar e Não-Familiar em cada Período (P1, P2 e P3)

Gráfico 6 - Funções Comunicativas Mais Interpessoais: comparação das porcentagens médias encontradas em Situação Familiar e Não-Familiar em cada Período (P1, P2 e P3)

Gráfico 7 - Funções Comunicativas Menos Interpessoais: comparação das porcentagens médias encontradas em Situação Familiar e Não-Familiar em cada Período (P1, P2 e P3)

LISTA DE QUADROS-RESUMO

Quadro-Resumo 1 - Variáveis com diferença significativa estatisticamente entre as Situações Familiar e Não-Familiar

Quadro-Resumo 2 - Dados de Literatura sobre a ordem de frequência da utilização das funções comunicativas

Quadro-Resumo 3 – Variáveis estatisticamente diferentes entre as Situações nos Períodos 1, 2 e 3 de interação

Quadro-resumo 4 - Número de diferenças significativas encontradas em cada período entre as Situações Familiar e Não-Familiar

LISTA DE ABREVIATURAS

PFC: Perfil Funcional da Comunicação

SF: Situação Familiar

SN: Situação Não-Familiar

p_: porcentagem

am: número de atos comunicativos por minuto

nf: número de funções

fi: número de funções mais interpessoais

p_int: proporção de interpessoalidade

oe: ocupação do espaço comunicativo

re: número de respostas

ve: meio comunicativo Verbal

vo: meio comunicativo Vocal

ge: meio comunicativo Gestual

C: função comunicativa Comentário

EP: função comunicativa Expressão de Protesto

PR: função comunicativa Protesto

RO: função comunicativa Reconhecimento do Outro

XP: função comunicativa Exploratória

PE: função comunicativa Performativa

J: função comunicativa Jogo

NF: função comunicativa Não-focalizada

Moreira, Camila R. **Avaliação da comunicação no espectro autístico: interferências no desempenho de linguagem.**

RESUMO

A determinação da forma mais eficaz e fidedigna de avaliar a comunicação e a linguagem de indivíduos autistas em processos de terapia de linguagem representa um desafio atual para os investigadores da área. A presente pesquisa busca contribuir na investigação de melhores formas de avaliação da comunicação de indivíduos com diagnósticos incluídos no Espectro Autístico analisando duas situações comunicativas distintas pela familiaridade do sujeito ao procedimento de coleta da amostra de 15 minutos de interação sujeito/adulto, visando verificar a interferência do contexto comunicativo e do tempo de interação no desempenho comunicativo desses sujeitos. O primeiro estudo comparou variáveis referentes ao Perfil Funcional da Comunicação (PFC) dos sujeitos em interação em uma situação rotineira de troca comunicativa com seu terapeuta, nos mesmos moldes das sessões semanais de terapia fonoaudiológica, chamada **Situação Familiar (SF)** e em interação com uma fonoaudióloga desconhecida (pesquisadora), utilizando-se materiais pré-determinados, em uma situação chamada **Situação Não-Familiar (SN)**. Os resultados evidenciaram que a familiaridade da situação comunicativa apresenta pouca interferência na avaliação da comunicação de sujeitos pertencentes ao Espectro Autístico. O segundo estudo analisou a funcionalidade comunicativa do sujeito autista ao longo da interação em ambas as situações (SN e SF), analisando a interação das duplas

em três períodos consecutivos de cinco minutos: período inicial (P1), período intermediário (P2) e período final (P3), visando comparar o desempenho comunicativo dos participantes no decorrer da interação em cada situação e entre as situações. Os resultados evidenciam que o tempo de interação apresenta alguma interferência no desempenho de sujeitos autistas, sugerindo um aumento na semelhança entre as situações comunicativas no decorrer da interação. Conclui-se, então, que o procedimento de avaliação nos mesmos moldes da Situação Familiar, mostrou-se o melhor procedimento na avaliação comunicativa dessa população, ao eliciar o desempenho ótimo dos sujeitos, devendo-se, entretanto, eliminar os cinco minutos iniciais de interação, nos quais se verifica maior diferença no desempenho comunicativo dos sujeitos.

Descritores: Transtorno Autístico, Transtornos da Linguagem, Interação, Interlocutor, Avaliação, Comunicação

Moreira, Camila R. **Assessing communication in the autistic spectrum: interferences on language performance.**

SUMMARY

The determination of the most efficient and reliable way to assess language and communication of autistic individuals in language therapy is still a challenge to the researchers of the field. The present study aims to contribute to the identification of the best techniques to the communication assessment in the autistic spectrum by the use of two different communicative settings. Aiming to verify the interference of the communicative context and of the time of interaction on the communicative performance, the situations varied according to the familiarity with the adult and with the procedure during 15 minutes communication samples. The first study compared variables of the Functional Communicative Profile (FCP) of the subjects during a routine communicative situation with the language therapist, called **Familiar Situation (FS)**, and during interaction with a non-familiar speech pathologist (the researcher), using pre-determined material, this was called the **Non-Familiar Situation (NS)**. The results show that the familiarity of the situation produces small interferences on the communication of autistic spectrum subjects. The second study analyzed the communicative functionality of the autistic subjects during the interaction time in both situations (FS and NF). The interaction was analyzed in three consecutive five-minute periods: first period (P1), intermediate period (P2) and final period (P3) aiming to compare the subjects' communicative performance along each situation and among situations. The results show that the

interaction time produces some differences on the performance of autistic subjects, pointing out to an increase on the similarity among situations along the interaction time. It can be concluded that the Familiar Situation produced the best performance of autistic spectrum subjects in the communication assessment and that the first five minutes of the interaction should be more carefully analyzed because this is the period in which the larger differences occurred.

Descriptors: Autistic Disorder, Language Disorders, Language Tests, Interaction, Interlocutor, Assessment, Communication

1. INTRODUÇÃO

Desde a descrição inicial do Autismo Infantil, por Kanner em 1943, diversos estudos têm sido realizados no intuito de identificar, caracterizar e propor intervenções cada vez mais eficazes para esta patologia.

A tríade de alterações presentes nestes quadros nas áreas de cognição, linguagem e socialização, manifesta-se de formas muito distintas, variando qualitativamente de sujeito para sujeito, refletindo na heterogeneidade de desempenhos observada nesta população.

A Abordagem Pragmática amplia as possibilidades de compreensão e intervenção no espectro autístico ao considerar a linguagem dentro do contexto comunicativo em que esta ocorre, permitindo a verificação dos aspectos funcionais da comunicação e não somente de seus aspectos formais.

Dentro dessa abordagem, a ampla utilização do instrumento de análise do Perfil Funcional da Comunicação (Fernandes, 1996), permitiu dezenas de estudos, contribuindo consideravelmente para a ciência fonoaudiológica, tanto em pesquisas sobre a manifestação da comunicação na normalidade como nas diversas patologias em que a linguagem apresenta alterações importantes, como nos Distúrbios Específicos de Linguagem, nos Distúrbios do Espectro Autístico, na Síndrome do X-Frágil, na Síndrome de Down, na Paralisia Cerebral, na Surdez, dentre outras.

O diagnóstico detalhado e fidedigno tem se mostrado fundamental na construção de um perfil individualizado de habilidades e dificuldades que mostrará a construção de um projeto de intervenção.

Da mesma forma, o acompanhamento sistemático dos resultados dos processos terapêuticos é necessário para a detecção de falhas e eventuais correções de rumo.

A determinação da forma mais eficaz e fidedigna de avaliar a comunicação e a linguagem de indivíduos autistas em processos de terapia de linguagem representa um desafio atual para os investigadores da área.

A presente pesquisa buscou dar um passo nesse sentido, investigando diferentes alternativas para a coleta de dados para a avaliação fonoaudiológica.

As questões propostas foram: elementos como a familiaridade do interlocutor e da seleção do material produzirão resultados significativamente diferentes? É possível determinar antecipadamente o melhor período de tempo, dentro da amostra, para a melhor definição das reais habilidades comunicativas dos sujeitos?

Utilizou-se o protocolo do Perfil Funcional da Comunicação (PFC) proposto por Fernandes (2000), para investigar a interferência do contexto comunicativo e do tempo de interação no desempenho comunicativo de sujeitos pertencentes ao Espectro Autístico.

Essa investigação foi realizada em dois estudos, sintetizados a seguir:

O Estudo 1 intitulado *“Familiaridade no Espectro Autístico: Interferência no Desempenho de Linguagem”*, teve por objetivo verificar como a familiaridade da situação comunicativa influencia a competência comunicativa desses sujeitos, pela comparação de duas situações comunicativas diferentes. A primeira referente à interação dos participantes em uma situação rotineira de troca comunicativa com seu terapeuta, nos mesmos moldes das sessões semanais de

terapia fonoaudiológica, chamada **Situação Familiar**. E a segunda referente à interação de cada participante com uma fonoaudióloga desconhecida (pesquisadora) utilizando-se materiais pré-determinados, em uma situação chamada **Não-Familiar**.

O Estudo 2 intitulado “*Avaliação Comunicativa no Espectro Autístico: Interferência do Tempo de Interação*” analisa a funcionalidade comunicativa do sujeito autista ao longo da interação em ambas as situações (Familiar e Não-Familiar). Para isso dividiu-se os 15 minutos iniciais de interação de cada dupla (sujeito/terapeuta ou sujeito/pesquisadora) em três períodos consecutivos de interação: período inicial (P1), período intermediário (P2) e período final (P3), possibilitando comparar o desempenho comunicativo dos participantes no decorrer da interação em cada situação e entre as situações.

O conjunto da pesquisa será apresentado da seguinte forma: no Capítulo 2 a Revisão de Literatura, no Capítulo 3 a descrição dos objetivos, método, resultados, discussão e conclusão do Estudo 1, no Capítulo 4 a descrição dos objetivos, método, resultados, discussão e conclusão do Estudo 2 e, por fim, no Capítulo 5 a conclusão final. Em seguida são apresentadas as referências bibliográficas utilizadas e os anexos, nos quais estão incluídos os dados estatísticos detalhados.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1. O Autismo, a Abordagem Pragmática e a Atuação

Fonoaudiológica

A primeira descrição do Autismo Infantil foi realizada por Leo Kanner em 1943, quando sugeriu a utilização do termo Autismo Infantil Precoce. Desde então, diversos tem sido os estudos no sentido de compreender tão complexa patologia.

Os critérios diagnósticos foram sendo discutidos ao longo de décadas e atualmente dois Manuais são amplamente utilizados na realização diagnóstica dos quadros autísticos: a Classificação Internacional de Doenças – CID-10 proposto pela Organização Mundial de Saúde (OMS-1993) e o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-IV elaborado pela American Psychiatric Association (APA-1994) que propõe critérios diagnósticos comprovadamente efetivos na determinação de grupos de pesquisa consistentes (Fernandes, 1996).

As alterações presentes nesta patologia invariavelmente estão relacionadas à cognição, à linguagem e à socialização, como amplamente levantado na literatura da área, como observado a seguir.

Wing (1989) determinou a tríade de alterações presentes no autismo infantil: interação social, comunicação e atividades imaginativas, tendo proposto que a Síndrome Autística e a Síndrome de Asperger seriam melhor consideradas dentro de um continuum de impedimento social (Wing, 1981).

Bishop (1989), em uma perspectiva bidimensional de justaposição do Autismo, Síndrome de Asperger e da Desordem Semântico-Pragmática observou:

no Autismo a linguagem e a socialização severamente alteradas, na Síndrome de Asperger maiores alterações na socialização do que na linguagem e, opostamente, na Desordem Semântico-Pragmática a linguagem mais alterada do que a socialização.

Autores sugeriram que o grau de impedimento do sujeito autista varia consideravelmente de acordo com a intensidade e a expressão dos sintomas (Waterhouse, Wing, & Fein, 1989). Foi observado que a funcionalidade da linguagem varia de acordo com o grau de severidade do quadro clínico apresentado (Stone & Caro Martinez, 1990, Perissinoto, 1995).

A grande variedade de manifestações clínicas encontradas levou à utilização do termo “espectro autístico” (Wing, 1989) para designar esse grupo, possibilitando o agrupamento de indivíduos com diferentes habilidades sociais, cognitivas e de linguagem dentro de um continuum.

A literatura atual concorda a respeito do indiscutível e fundamental papel da comunicação e da linguagem no conjunto das alterações apresentadas por crianças e adolescentes autistas (Klin, 2000), estabelecendo, por consequência, o fonoaudiólogo como profissional essencial no processo diagnóstico e de intervenção nos distúrbios do espectro autístico (Wheterby, Prizant & Schuler, 2001), em acordo com a “National Research Council” (2001) que recomenda uma abordagem multi e transdisciplinar, incluindo o fonoaudiólogo.

Quando Bates (1976) propôs o termo Pragmática como as regras que governam o uso da linguagem em um contexto, possibilitou uma nova perspectiva de estudo. Enquanto as abordagens anteriores consideravam os autistas como não comunicativos, novos estudos passaram a investigar os aspectos pragmáticos, funcionais da linguagem (Fernandes, 1996).

A ampliação dessa ótica permitiu englobar ao estudo dos aspectos formais da comunicação (fonologia, sintaxe e semântica), os aspectos funcionais, relacionados ao contexto da troca comunicativa, direcionando à inserção da criança num sistema lingüístico completo e complexo (Fernandes e Barros, 2001), possibilitando ao fonoaudiólogo modificar seu papel de “treinador” de fala (Fernandes, 1996:14), para ocupar um papel de participante colaborativo no processo de desenvolvimento das habilidades comunicativas de pacientes com transtorno autista, ao se tornar um interlocutor real dentro do processo terapêutico (Fernandes, 2003).

Fernandes (2001) conclui que essa perspectiva funcional do uso da linguagem e suas reflexões possibilitou a esse profissional a construção de uma identidade mais próxima do conceito de terapeuta e mais distante do treinador de fala.

As diversas pesquisas anteriores na área, contribuíram significativamente para essa nova realidade do profissional fonoaudiólogo, com estudos tanto em relação ao desenvolvimento típico como em relação ao autismo, seus déficits e suas características, sendo descritos a seguir alguns desses estudos.

Tager-Flusberg (1981) apontou que o déficit lingüístico no autismo se deveria ao uso inapropriado da linguagem em contextos sociais, ou seja, a uma alteração na habilidade pragmática.

Bernard-Optiz, (1982) afirmou que o comportamento comunicativo, sua seqüência desenvolvimental, bem como suas funções, diferem consideravelmente no autismo em relação ao desenvolvimento normal.

Wetherby (1986) observou que a aquisição das funções comunicativas no autismo ocorre uma de cada vez, indicando uma consistência na ordem de

emergência das funções comunicativas, bem como uma independência entre elas.

Prizant (1983) sugeriu que a criança autista tem uma percepção gestáltica da comunicação, não sendo capaz de utilizar a mesma emissão para diversas funções comunicativas, pois emissões completas envolvendo diversos estímulos sensoriais seriam aprendidas como unidades multimodais. Enquanto no desenvolvimento normal haveria uma estratégia analítica (Bartolucci, 1982; Prizant, 1983), considerando que o desenvolvimento comunicativo normal é caracterizado por uma gradual mudança de funções de contextos restritos para formas contextuais mais flexíveis (Prizant, 1983; Wetherby, 1986, Loveland e col., 1988), havendo uma relação entre a emergência das funções comunicativas (Prizant, 1983; Wetherby, 1986).

Limongi (1995) relatou em seu estudo que no primeiro ano de vida o bebê em desenvolvimento normal consegue diferenciar entre ação, objeto e sujeito. Sendo capaz de aplicar diversas ações a um mesmo objeto, assim como a mesma ação a diversos objetos.

Prutting (1982) diz que a reciprocidade mãe-criança é fundamental para o conhecimento de si mesmo, do outro e do mundo, sendo que este ocorre pela interação social da dupla, inicialmente pela troca de olhares e o envolvimento mútuo.

Conclui-se, ainda, que no desenvolvimento típico a motivação inicial do uso da linguagem é a auto-estimulação (Wetherby e Prutting, 1984), que diminui progressivamente e se altera com a evolução nos níveis cognitivos e lingüísticos (Prizant e Duchant, 1981; Wetherby e Prutting, 1984).

Wetherby e Prutting (1984) verificaram que crianças autistas expressaram um perfil mais homogêneo de funções comunicativas, qualitativamente e quantitativamente diferente do perfil de crianças normais. Os autistas demonstraram repertório mais limitado de funções comunicativas representando, segundo os autores, um desvio do desenvolvimento normal da habilidade pragmática, eles ainda sugerem ser em vão a interpretação do autismo como uma desordem primariamente de linguagem, cognitiva ou social, dada a inter-relação desses três aspectos.

Wetherby (1986) relatou que nas primeiras etapas do desenvolvimento lingüístico as crianças normais utilizam a comunicação exclusivamente para um fim ambiental para, em seguida, utilizá-la com um fim social, diferentemente do processo de aquisição de linguagem nos autistas, ressaltando que existe uma grande influência mútua entre o déficit sócio-cognitivo e o desenvolvimento comunicativo.

Loveland e Landry (1986) sugeriram que os déficits de linguagem específica seriam desenvolvidos através de falhas no mecanismo de atenção compartilhada na infância, ou seja, um déficit específico para elementos sociais.

Baron-Cohen (1988) afirmou que a alteração simbólica decorrente da falha de meta-representação seria a responsável pelas inabilidades características dos diversos quadros autísticos.

Enquanto outros autores (Bara, Bucciarelli & Colle, 2001) sugeriram que o déficit primordial seria atencional, resultando em uma dificuldade em processar os estímulos lingüísticos, estando prejudicadas a emergência das habilidades comunicativas, a capacidade de teoria da mente e o relacionamento fundamental com os cuidadores.

2. 2. A Funcionalidade da Comunicação no Espectro Autístico e a Investigação do Perfil Funcional da Comunicação (PFC)

O ponto central nas alterações de linguagem associadas aos distúrbios psiquiátricos da infância está relacionado com o uso funcional da linguagem, sendo que as características individuais nas habilidades de linguagem promovem diferenças importantes no prognóstico dos sujeitos autistas (Mundy, Sigman, Ungerer & Sherman, 1987, Loveland e colaboradores, 1988, Fernandes, 1994),

Tager-Flusberg (1981) realizou uma revisão de estudos em autismo e verificou que o desenvolvimento fonológico e sintático segue o mesmo curso que a normalidade, enquanto a semântica e a pragmática parecem estar deficientes no autismo.

Embora o estudo dos aspectos formais forneça dados descritivos da linguagem de crianças autistas (ausência ou presença de comunicação verbal, ausência ou presença de ecolalia, imediata, mitigada, tardia, inversão pronominal) tais elementos fornecem poucos subsídios para a atuação clínica em terapia de linguagem com autistas (Fernandes e Barros, 2001).

Estudos perceberam a funcionalidade contida em aspectos anteriormente considerados como não-comunicativos como as ecolalias imediatas e tardias, características do quadro. Autores identificaram funções comunicativas tais como pedidos, protestos, afirmações, declarações, auto-regulação e pedidos de atenção, sugerindo que a ecolalia seja considerada num continuum de funcionamento automático a funcional (Prizant & Duchant, 1981; Prizant & Rydel, 1984), o que leva a crer que muitos comportamentos considerados não-funcionais podem refletir uma tentativa de interação social (Wherterby e Prutting, 1984).

Estudos realizados no Laboratório de Investigação Fonoaudiológica nos Distúrbios do Espectro Autístico da FMUSP evidenciaram a diminuição efetiva das ecolalias em um intervalo de três anos de terapia, concomitante com o aumento do vocabulário espontâneo e vocabulário teste, sugerindo a evolução funcional da linguagem nas crianças autistas a partir da transformação das ecolalias (Fernandes e col., 2004, Moreira e col., 2004).

Outro estudo concluiu que o uso da fala por autistas difere de crianças normais, sendo menos socializada, caracterizada por menor espontaneidade e mais aspectos não usuais, possuindo um repertório mais limitado de funções comunicativas para propósitos sociais ou interacionais (Stone & Caro Martinez, 1990).

Koegel (2000) relatou que o autismo, em contraste com outras deficiências, evidencia uma lacuna da iniciativa de comunicação tanto verbal como não-verbal. E que indiferentemente do nível comunicativo dos sujeitos, o número de iniciativas comunicativas e o desenvolvimento de funções comunicativas específicas parece ser particularmente problemático. Descreveu também que intervenções com sistemas alternativos e/ou aumentativos de comunicação relatam um bom ganho comunicativo, porém a espontaneidade mostra-se um grande problema, pois os sujeitos falham em demonstrar um uso variado das funções com competência comunicativa.

Amato (2000) afirmou que a análise do uso funcional da comunicação contextualiza o valor social da linguagem, sendo que a determinação de procedimentos de avaliação de linguagem mostra-se primordial para que se possa obter dados objetivos de investigação sobre a habilidade comunicativa atual do sujeito e o resultado dos processos terapêuticos (Fernandes, 2002).

Desta forma, medir, controlar e padronizar variáveis de produção espontânea no contexto terapêutico é essencial para fornecer dados objetivos para a intervenção de linguagem com crianças autistas (Kent et al, 2004).

Muitos são os testes pragmáticos descritos na literatura, porém tais testes não se mostraram efetivos por não considerarem o déficit atencional (Bara, Bucciarelli e Colle, 2001), nem apresentarem amostras de fala espontânea.

O conceito de ato comunicativo introduzido por Austin (1962) permitiu um novo tipo de análise das amostras de fala, pois considera o ato de fala como a unidade mínima da comunicação, sendo possível analisar seus significados e efeitos sobre o ouvinte, ou seja, as funções comunicativas.

A avaliação comunicativa, então, deverá levar em conta ambos os interlocutores, pois uma comunicação efetiva pressupõe o estabelecimento de trocas significativas entre pelo menos dois participantes do processo (Fernandes, 1996).

Assim, utilizando amostras de fala espontânea durante situação de interação com interlocutor adulto, a partir da adaptação de diversas propostas da literatura, Fernandes em 1995, propõe uma metodologia de transcrição e um protocolo para verificação do perfil funcional da comunicação (PFC) de crianças e adolescentes pertencentes ao espectro autístico, analisando os atos comunicativos, baseada em 20 categorias funcionais, revisadas em 2004 (Anexo 6).

A análise da amostra de interação considera que os atos comunicativos começam quando há interação adulto-criança, criança-adulto, ou criança-objeto e

termina quando o foco de atenção muda ou quando há uma troca nos turnos comunicativos.

O modelo proposto considera, ainda, nas emissões, a questão do meio comunicativo utilizado, que foi dividido em: verbal (envolvendo pelo menos 75% dos fonemas da língua), vocal (todas as outras emissões) e gestual (envolvendo movimentos do corpo ou rosto), sendo que estes podem ocorrer isoladamente, quando da emissão de um ato comunicativo, ou concomitantemente, quando o ato envolve dois ou mais meios acima mencionados.

Wheterby e Prutting (1984) já haviam sugerido que as funções comunicativas podem ser divididas em funções interpessoais e funções não-interpessoais, sendo as primeiras aquelas que pressupõem uma intenção comunicativa, ou seja, a participação do outro, e as segundas aquelas que teriam funções de regulação de ações e atos não-focalizados.

Em um estudo posterior, Cardoso e Fernandes (2003) dividem as categorias das vinte funções descritas acima em funções interpessoais e funções não interpessoais, possibilitando um foco mais abrangente para a análise das funções comunicativas utilizadas por essa população e sua evolução ao longo do processo terapêutico.

O protocolo do Perfil Funcional da Comunicação (PFC) proposto por Fernandes (2004) e utilizado na presente pesquisa permite encontrar 52 variáveis de desempenho, a saber: atos comunicativos da criança, atos comunicativos do adulto, total de atos comunicativos da dupla, porcentagem de ocupação do espaço comunicativo da criança, porcentagem de ocupação do espaço comunicativo do adulto, atos comunicativos expressos por minuto pelo sujeito, número de funções comunicativas utilizadas, número de atos interpessoais,

número de funções comunicativas mais interpessoais utilizadas, número absoluto de atos comunicativos em cada uma das vinte funções, porcentagem de atos comunicativos em cada uma das vinte funções e porcentagem de utilização dos meios comunicativos verbal, vocal e gestual.

A avaliação pragmática nesses moldes tem demonstrado eficiência, comprovada em diversos estudos, possibilitando comparações com pesquisas internacionais.

A seguir serão apresentados alguns achados da literatura sobre o Perfil Funcional da Comunicação.

Atos Comunicativos

Loveland e colaboradores (1988) obtiveram média de 40,83 atos comunicativos em sessões de 30 minutos em um grupo de 12 crianças autistas verbais em situação de jogo com seus pais, equivalente a 1,34 atos comunicativos por minuto. Entretanto, neste estudo não foram considerados os atos comunicativos de manipulação de objetos.

Em um estudo pioneiro e de grande relevância, dado o grande número de sujeitos, Fernandes (1996) estudou o PFC de 50 crianças e adolescentes autistas em dois grupos, no processo inicial de avaliação/intervenção fonoaudiológica em interação com um fonoaudiólogo desconhecido na presença de um adulto conhecido (na maioria dos casos a mãe), e constatou número de atos comunicativos semelhantes em ambos, equivalente a 1,7 e 1,75 atos comunicativos nos grupos G1 (60 minutos de amostra) e G2 (30 minutos de amostra) respectivamente.

Amato, (2000) ao analisar o PFC de crianças autistas pequenas (2:10 anos a 6:9 anos) em interação com suas mães, obteve média de 2,1 atos comunicativos por minuto.

Outro estudo (Fernandes e Barros, 2001) analisou a comunicação de um grupo de 10 crianças autistas de três a 13 anos, comparando o PFC dos participantes em situação espontânea de interação e em situação dirigida (segundo critérios propostos por Wheterby e Prutting, 1984), verificou número de atos comunicativos semelhantes entre as situações, sendo de 2,04 e 2,03, em situação espontânea e dirigida respectivamente.

Pesquisa comparando o Perfil Funcional da Comunicação (PFC) de crianças autistas, normais e com Síndrome de Down obteve média de 2,43 atos comunicativos por minuto para os 20 sujeitos autistas, resultado estatisticamente semelhante ao encontrado em crianças normais com idades entre um e três anos (Molini-Avejonas, 2004).

Misquiatti (2006), ao analisar autistas que já realizavam terapia fonoaudiológica (há no mínimo 1 ano), observou médias de 4,1 e 4,2 atos comunicativos por minuto, em duas situações distintas em relação ao contexto ambiental, com mesmo interlocutor (o terapeuta).

Os dados de literatura aqui apresentados sugerem que cada grupo de sujeitos autistas determina uma média de número de atos comunicativos, corroborando estudos citados anteriormente que relatam a grande heterogeneidade dos quadros autísticos (Fernandes, 1994, Tager-Flusberg, 2004) bem como as grandes variações individuais características da patologia (Mundy, Sigman, Ungerer & Sherman, 1987, Loveland e colaboradores, 1988, Fernandes, 1994, Fernandes, 2000).

Wheterby e Prutting (1984) em um estudo da normalidade constataram que crianças com desenvolvimento típico no estágio da palavra-chave apresentam média de 2 atos comunicativos por minuto. Outros autores verificaram média de 44,85 atos comunicativos em uma amostra de 30 minutos de 13 crianças normais com idade de dois anos, equivalente a 1,49 atos comunicativos por minuto (Loveland e col, 1988).

Outros estudos do PFC no desenvolvimento típico permitiram a criação de valores de referência para essa medida (Amato, 2000, Fernandes 2000, Rodrigues, 2002), para crianças com idades de um mês (aproximadamente 1 ato comunicativo por minuto) a 7:6 anos (aproximadamente 9 atos comunicativos por minutos) e para adultos (aproximadamente 10 atos comunicativos por minuto).

Funções Comunicativas

Um estudo descritivo de Fernandes (1999), ao analisar nove sujeitos no início do processo terapêutico em Hospital-Dia, realizou quatro filmagens de cada sujeito em um período de um ano em interação em situação de grupo, observando a ocorrência de no mínimo cinco e no máximo 15 funções. Em situação de atividade de vida diária (AVD) com a mãe, os mesmos sujeitos apresentaram no mínimo quatro e no máximo 12 funções comunicativas no mesmo período.

Estudo a respeito da normalidade, com crianças de quatro e cinco anos verificou que as primeiras utilizaram 13 das 20 funções comunicativas possíveis, enquanto as segundas utilizaram dez funções (Cervone e Fernandes, 2005).

Molini-Avejonas (2004) encontrou semelhança estatística nessa medida entre crianças autistas e normais com média de 9,9 funções comunicativas utilizadas pelos sujeitos autistas e 10,4 funções comunicativas utilizadas pelos sujeitos normais (de um a três anos), pareados pelo desempenho sócio-cognitivo.

Wheterby e Prutting (1984) sugeriram a divisão das funções comunicativas em: funções interpessoais (FI) e funções não interpessoais (FNI), como citado anteriormente. Cardoso e Fernandes (2003) utilizaram essa divisão em um estudo evolutivo de 40 crianças, durante 1 ano de terapia de linguagem, em três situações comunicativas diferentes. Tal estudo autorizou tal utilização da divisão em estudos posteriores, sendo realizada uma mudança de nomenclatura posterior para funções comunicativas mais interpessoais e funções comunicativas menos interpessoais.

Rodrigues (2002), em estudo sobre os aspectos pragmáticos e semânticos nas alterações de linguagem, encontrou no Grupo Controle (crianças normais com idades de dois, três e quatro anos) média de funções comunicativas mais interativas de 13,26 (dois anos), 13,34 (três anos) e 18,4 (quatro anos).

O estudo de Molini-Avejonas (2004), comparando crianças autistas, normais e com Síndrome de Down, obteve média de número de funções interpessoais de 6,55, 7,55 e 8,20 respectivamente, evidenciando diferença estatisticamente significativa entre os grupos.

Fernandes (1996) detectou que as crianças autistas utilizaram aproximadamente 50% de sua comunicação com função de interação.

Em estudo com 40 sujeitos autistas em atendimento em terapia de linguagem em dois modelos de atendimento diferentes (instituição ou ambulatório), Cardoso e Fernandes (2003) verificaram um aumento na

porcentagem das FI e uma diminuição das NFI, verificando uma evolução linear nos perfis comunicativos (PFC) dos grupos, independente do modelo terapêutico utilizado.

No estudo de Molini-Avejonas (2004), observou-se média de 44,24% de atos comunicativos com função mais interpessoal no PFC dos 20 sujeitos autistas estudados e de 64,02% no PFC das crianças normais.

Um estudo que buscou analisar o comportamento comunicativo de terapeutas de sujeitos pertencentes ao Espectro Autístico (Miilher e Fernandes, 2006) observou que as seis terapeutas tiveram média de FI de 78,97%, enquanto os sujeitos autistas apresentaram porcentagem média de 29,47% de funções comunicativas interpessoais. O estudo identificou diferença estatística entre o PFC das terapeutas e dos sujeitos autistas, em relação a essa variável.

Ocupação do Espaço Comunicativo

Fernandes (1996) relatou que muitos estudos encontraram, em média, 75% das iniciativas de comunicação dos adultos (terapeutas e pais) nas amostras de interação, tanto com crianças autistas como com crianças normais com falhas articulatórias, enquanto seu estudo evidenciou média de aproximadamente 50% de ocupação do espaço comunicativo por cada elemento da díade. A autora chama a atenção para o fato de que os fonoaudiólogos envolvidos neste estudo apresentam atitude comunicativa mais relacionadas às propostas de intervenção deste grupo de trabalho, que prioriza a simetria na ocupação do espaço comunicativo, que verifica por consequência que as crianças autistas tendem a ocupar esse espaço permitido pelo adulto.

Meios Comunicativos

Estudos sobre normalidade observam que a maior utilização do meio comunicativo Gestual ocorre até o 15º mês de vida, seguido pelo meio Vocal e com menor utilização o meio Verbal, sendo substituído a partir de então pelo meio comunicativo Verbal (Amato, 2000). Ao verificar o PFC de dez crianças autistas com idades entre 2:10 anos e 6:9 anos, em interação com suas mães e sem atendimento fonoaudiológico anterior obteve maior utilização do meio comunicativo Gestual (39,9%), seguido pelo Vocal (21,5%) e o Verbal (1,1%).

Molini-Avejonas (2004), ao analisar o PFC de 20 crianças autistas com média etária de sete anos e 20 crianças normais com média etária de 1:8 ano, observou maior utilização do meio comunicativo Gestual (67,5% autistas e 69,2% normais), seguido pelo meio comunicativo Vocal (32,2% autistas e 37,9% normais)

Um estudo do PFC de crianças de 2:8 anos e 6:6 anos com Alteração no Desenvolvimento de Linguagem - ADL (Befi-Lopes, Cattoni e Almeida, 2000), observaram maior utilização do meio comunicativo Verbal (53%), seguido do Gestual (35%) e do Vocal (12%), enquanto outros estudo com crianças com ADL de idade inferior (dois, três e quatro anos) tiveram maior utilização do meio comunicativo Gestual , seguido do Vocal e o meio Verbal como o menos utilizado (Rodrigues, 2002).

Respostas

Loveland e colaboradores (1988) relataram que o sujeito autista apresenta maior dificuldade em iniciar atos comunicativos do que em responder ao interlocutor em comparação a crianças não-autistas, sugerem também que a tendência dos autistas a serem não-responsivos pode ser afetado pelo padrão ou estilo comunicativo de seus pais, apresentando diferentes tipos de respostas de acordo com a variação do comportamento comunicativo do adulto (Clark & Rutter, 1981).

Um estudo a respeito da qualidade de respostas de crianças com Alteração do Desenvolvimento da Linguagem (ADL), identificou no seu Grupo Controle (60 crianças normais com idades de três, quatro e cinco anos) que o aumento da idade refletiu numa maior atividade comunicativa das crianças interferindo no número de perguntas realizadas pelo interlocutor (Rocha e Befi-Lopes, 2006).

Um estudo que verificou o índice de responsividade (RES), que leva em conta o número de respostas dos sujeitos autistas aos atos comunicativos eliciadores de respostas emitidos pelos adultos durante a interação, verificaram aumento no decorrer do processo terapêutico (Moreira e col., 2007).

O número de respostas não é uma variável inicialmente verificada pelo PFC, por não caracterizar iniciativa comunicativa do sujeito, ao ser eliciada pela iniciativa comunicativa do adulto, entretanto tem sido contabilizada e adicionada ao protocolo do PFC nos estudos realizados no Laboratório de Investigação Fonoaudiológica nos Distúrbios do Espectro Autísticos, mostrando-se uma variável pragmática importante na determinação do perfil comunicativo do sujeito autista, possibilitando verificar a responsividade ao interlocutor ao longo do

processo terapêutico (Moreira e col., 2007, Barbosa e col., 2007). Dessa forma, mostrou-se uma variável importante no presente estudo, por estar diretamente relacionada ao parceiro de interlocução.

2.3. Contexto Comunicativo e Familiaridade do Interlocutor :

Estudos do Espectro Autístico

O estudo de diferentes contextos comunicativos com indivíduos com diagnóstico incluído no espectro autístico torna-se essencial quando se prioriza a perspectiva pragmática na pesquisa e na prática fonoaudiológica com esses sujeitos, considerando que a comunicação varia em diferentes contextos, entre vários parceiros comunicativos, e no decorrer do tempo (Koegel, 2000).

Prutting (1982) afirmou que o contexto em que a comunicação ocorre é amplamente complexo e inclui aspectos multidimensionais do ambiente. Sendo necessário olhar o discurso (contexto lingüístico e não-linguístico), bem como os contextos cognitivos, sociais e físicos.

Diversas metodologias tem sido aplicadas em estudos a respeito das variáveis contextuais que podem interferir na performance comunicativa de crianças e adolescentes autistas. A seguir descreveremos alguns estudos que lidam com as variáveis contexto comunicativo e familiaridade do interlocutor.

Em um dos primeiros estudos sobre o tema, Bernard-Optiz (1982) observou diferenças na habilidade pragmática de oito sujeitos autistas em relação ao estímulo social, estando a consistência da comunicação mais relacionada ao interlocutor do que às diferentes situações propostas no estudo.

Schwartz e colaboradores (2001) sugeriram que crianças autistas que se encontram em situação não-familiar podem reagir chorando, afastando-se, ou recusando-se a compartilhar a situação comunicativa com o interlocutor.

Outros autores afirmaram que autistas raramente iniciam interação, seja com adultos familiares ou não-familiares (Sigman & Capps, 1997). Alguns autores

afirmaram ainda ser comumente aceito que autistas mostrem mais problemas sociais na interação com estranhos (Warreyn et al, 2005).

Dissanayke & Sigman (2001) sugerem que autistas diferenciam entre parceiros sociais familiares e não-familiares, observando ou analisando suas reações à separação e aproximação dos mesmos.

Ogletree et al. (2002) apontaram que autistas podem não apresentar habilidades comunicativas ótimas em contextos terapêuticos não-familiares, sugerindo como alternativa a realização de questionários dirigidos na avaliação desses sujeitos.

Um estudo que visou elucidar se sujeitos autistas têm expectativa ou não em relação ao comportamento social de adultos não-familiares demonstrou que em um primeiro contato os sujeitos não esperam reação alguma do adulto desconhecido. Porém, em um segundo contato com esse mesmo adulto não-familiar (após interação com a criança na primeira situação) ela demonstrou esperar alguma respostas social. Os autores sugerem que tais dados evidenciam a dificuldade dos autistas em generalizar habilidades aprendidas, mas demonstram a sua habilidade em integrar a experiência prévia com o adulto desconhecido (Nadel et. al, 2000).

Fernandes (1999) observou que as situações comunicativas vivenciadas por sujeitos autistas em Hospital-Dia permitem uma variedade de contextos e interlocutores indisponíveis nas sessões de terapia individual. Contudo, questiona se isso seria uma vantagem no processo de desenvolvimento de uma comunicação funcional.

Fernandes e Barros (2001) afirmam que uma situação dirigida de interação produz um repertório de funções comunicativas diferentes, porém não melhor do que a situação espontânea de interação.

Cardoso (2001), em um estudo que visou verificar o PFC de sujeitos autistas em diferentes modelos terapêuticos de atendimento (instituição e ambulatório) por meio da análise de três situações comunicativas distintas, não encontraram diferenças relacionadas ao modelo de atendimento, sugerindo estudos futuros sobre a identificação de diferenças comunicativas em diferentes contextos comunicativos.

Cervone e Fernandes (2004) verificaram em seu estudo que a situação dirigida favoreceu o uso do meio verbal (50,7%) enquanto a espontânea favoreceu a utilização do meio gestual (49,5%), sendo o vocal equivalente nas situações.

Misquiatti (2006), ao verificar o desempenho comunicativo de sujeitos autistas em dois contextos ambientais distintos, com o mesmo interlocutor, não observou diferenças estatisticamente significativas. Assim, sugere que o contexto interacional parece ter mais influência no desempenho de autistas de que o contexto ambiental, uma vez que o contexto ambiental exclusivamente não resultou em diferenças importantes. A autora coloca, então, a necessidade de estudo do contexto, variando o interlocutor, como forma de verificar tal assertiva.

Em um estudo de dois casos, em que buscou analisar o comportamento comunicativo dos sujeitos em ambiente natural, Meadan et al (2008) apontam também para a necessidade de um estudo das variáveis que possam influenciar na reparação de quebras comunicativas neste ambiente, dentre elas a interação com adulto familiar e não-familiar.

Tais postulados evidenciam a necessidade do estudo da linguagem nesta patologia em diferentes contextos de interlocução, verificando semelhanças e diferenças na manifestação das habilidades comunicativas em diferentes situações, bem como a generalização do aprendizado de linguagem em situação de terapia para outros contextos de interação.

2. 4. Avaliação da Comunicação e o Tempo de Interação

A literatura tem demonstrado a necessidade de se determinar qual o melhor recorte de amostras de interação se mostram eficazes para a determinação do PFC, Porto e col, (2007) afirmaram que avaliar o desenvolvimento de linguagem é uma tarefa complexa, sendo necessários conhecimentos tanto teóricos quanto práticos na metodologia a ser aplicada.

Fernandes (1996), verificou a eficácia de análise de amostras de 30 minutos de interação, ao comparar dois grupos de sujeitos, cujas amostras do PFC variaram em relação ao tempo de interação analisado (G1: três filmagens de 20 minutos e G2: uma filmagem de 30 minutos), considerando a importância de métodos simples e eficazes na sistematização de dados do processo terapêutico.

Diversos estudos têm demonstrado a eficácia na utilização de recortes de 30 minutos de interação de sujeitos autistas, normais e com Síndrome de Down (Fernandes, 2000, Fernandes e Barros, 2001, Amato, 2000, Molini-Avejonas, 2004, Miilher e Fernandes, 2006)

Estudos utilizando 15 minutos de interação também tem se mostrado eficazes, como o estudo de Cardoso e Fernandes (2003) em situação de atendimento individual, que permitiu um corpus de dados consistente para verificação do PFC de autistas.

Porto e colaboradores (2007) realizaram um estudo a fim de obter o maior número de dados no menor tempo possível, visando identificar qual o melhor período de interação para realização do PFC de crianças com Síndrome de Down. As autoras não identificaram diferenças estatisticamente significativas nos

períodos de tempo estudados, concluindo que qualquer período de análise propicia dados fidedignos e com qualidade para esta população.

O estudo de Loveland e colaboradores, em 1988, analisou apenas 5 minutos da interação da criança com um de seus pais, a partir do segundo minuto de interação de uma filmagem de 15 minutos de brincadeira livre, e relatou que uma pequena amostra (5 minutos) de interação da criança autistas com seus pais apresenta limitações, devendo-se considerar que sua metodologia de análise difere do observado nos estudos acima mencionados.

2.5. A Metodologia de Pesquisa nos estudos a respeito do Espectro

Autístico

As pesquisas no Espectro Autístico têm levantado constantemente a questão do pareamento dos sujeitos. Vários estudos utilizam como critério de pareamento do grupo, a idade mental ou o QI dos sujeitos, buscando assim controlar a influência do retardo mental no desempenho de linguagem. Parear indivíduos por esses critérios revela uma média de desempenho de um determinado grupo, porém não permite saber se alguma habilidade foi realmente pareada (Klein e Marvis, 1999).

Tager-Flusberg (2004) questiona a comparação de crianças autistas com crianças normais ou com retardo mental, apontando quatro fatores que dificultam o pareamento: a heterogeneidade da população, a possibilidade de retardo mental associado ao autismo, o desenvolvimento de habilidades com o acréscimo da idade e o tamanho restrito das amostras coletadas.

Como alternativa a esta metodologia Fernandes (1996) ressalta que a comparação intra-sujeitos, com o sujeito como seu próprio controle, elimina critérios artificiais de pareamento.

A presente pesquisa seguiu tais pressupostos na metodologia adotada, utilizando os dados de normalidade apenas como referência, sem objetivo de comparações efetivas.

3. ESTUDO 1

Familiaridade no Espectro Autístico: Interferência no Desempenho de Linguagem

3.1. Objetivo e Hipóteses

Este estudo tem por objetivo analisar a interferência da familiaridade do interlocutor e da seleção do material na funcionalidade da comunicação de sujeitos com diagnóstico incluído no Espectro Autístico, buscando o melhor procedimento para avaliação da comunicação desta população.

A análise dos dados visa verificar as hipóteses de que indivíduos do espectro autístico apresentarão:

1. Maior número de atos comunicativos em Situação Familiar;
2. Maior porcentagem de funções comunicativas mais interpessoais em Situação Familiar;
3. Maior número de respostas na Situação Familiar;
4. Maior porcentagem de uso do meio verbal de comunicação em Situação Familiar.

3.2. Método

3.2.1. Participantes

Os participantes do presente estudo foram 18 sujeitos portadores de diagnósticos incluídos nos Transtornos do Espectro Autístico, com diagnóstico psiquiátrico realizado segundo os critérios propostos pelo Manual de Classificação Internacional de Doenças (CID-10 - OMS, 1993) e/ou pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-IV - APA, 1994). Os sujeitos encontravam-se em atendimento fonoaudiológico especializado semanal no Laboratório de Investigação Fonoaudiológica nos Distúrbios do Espectro Autístico da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Suas idades variaram de 3 anos e 11 meses a 17 anos e 11 meses, com média etária de 8 anos e 9 meses (DP: 3,6 a).

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da instituição com número 208/06 (Anexo 1) e o termo de consentimento livre e esclarecido foi assinado pelos responsáveis (Anexo 2).

3.2.2. Material

Foram utilizados: filmadora de vídeo, fitas, vídeo-cassete, DVDs, DVD player, protocolos de registro (Anexo 3) e brinquedos.

Durante o processo de análise dos dados verificou-se a necessidade da digitalização dos dados, visando maior facilidade na manipulação e conservação dos dados da pesquisa. Assim, a digitalização, feita em tempo real, totalizou

1.080 horas, referente a 36 filmagens de 30 minutos cada. Posteriormente, metade desse tempo foi analisado.

3.2.3. Procedimentos

Coleta de Dados

Inicialmente foi realizada a filmagem de 30 minutos de interação de cada participante com sua terapeuta em situação familiar/rotineira de avaliação semestral (SF), semelhante às sessões semanais de atendimento, na qual a dupla escolhe junto o material a ser utilizado na atividade, dentre todos os brinquedos disponíveis no acervo do laboratório, que conta com uma grande variedade de jogos, miniaturas, quebra-cabeças e outros materiais.

Nas sessões seguintes foi realizada outra filmagem de 30 minutos da interação de cada sujeito com a pesquisadora não-familiar (SN), desta vez com materiais lúdicos pré-determinados (bola, massa de modelar, bolinhas de sabão, canetinhas, papel, brinquedos de encaixe, jogos, bonecas, carrinhos e miniaturas – Anexo 5), apresentados dentro de uma caixa.

Nas filmagens da primeira situação, optou-se por manter o procedimento semestral usual de avaliação adotado pelo laboratório, familiar aos sujeitos pelo contexto ambiental e pelo interlocutor conhecido. Enquanto na segunda situação buscou-se uma situação menos familiar aos sujeitos, principalmente pela presença do interlocutor desconhecido (a pesquisadora), mas também pelo procedimento de apresentação do material utilizado na interação pela dupla (selecionado previamente e não escolhido pelo sujeito).

O intervalo entre as filmagens não poderia ultrapassar duas semanas e os adultos deveriam interagir com os participantes buscando a maior simetria possível na ocupação do espaço comunicativo.

A determinação do tempo da amostra

Usualmente a seleção do recorte de filmagem a ser analisado é realizada da seguinte forma: inicialmente deve-se assistir toda a filmagem (referente a 30 minutos) e posteriormente selecionar-se os 15 minutos de troca comunicativa mais simétrica entre a dupla, ou seja, aqueles que propiciaram melhores situações de troca compartilhada entre os interlocutores.

Contudo, para este estudo optou-se por analisar os 15 minutos iniciais da filmagem das duplas (sujeito-terapeuta / sujeito-pesquisadora), com o objetivo de verificar o processo inicial de interação. Esse procedimento levou em conta principalmente a Situação Não-Familiar, considerando que o processo de construção compartilhada da situação comunicativa ocorre pela primeira vez nesta díade.

A análise dos dados

A transcrição e a análise dos dados pressupõem experiência com o procedimento, incluindo também certa subjetividade ao analisar o comportamento comunicativo dos sujeitos autistas. Optou-se pela análise dos dados realizada unicamente pela pesquisadora, pressupondo-se que as terapeutas apresentariam alguma familiaridade com os comportamentos comunicativos de seus pacientes, que poderia gerar um viés na análise.

Acredita-se, que tal metodologia propiciou um conjunto de dados mais homogêneo, contribuindo para a maior fidedignidade dos resultados encontrados em ambas as situações. A análise resultou em 36 protocolos do Perfil Funcional da Comunicação (PFC) dos sujeitos, 18 protocolos do PFC das terapeutas e 18 protocolos do PFC da pesquisadora, sendo que os protocolos dos adultos foram utilizados apenas para cálculo da proporção de ocupação do espaço comunicativo pelos sujeitos.

Seleção das Variáveis

Através do protocolo específico utilizado (Anexo 4) foram analisados os seguintes aspectos: número de funções comunicativas (nf), número de funções comunicativas mais interpessoais (fi), atos comunicativos por minuto (am) e porcentagem de ocupação do espaço comunicativo (oc). Com base no número de atos comunicativos do sujeito e o número de atos comunicativos com funções mais interpessoais, calculou-se a proporção de interpessoalidade (%int), também utilizada neste estudo.

Das 20 funções comunicativas, identificadas pelo protocolo, optou-se por analisar as quatro funções mais interpessoais e as quatro funções menos interpessoais que evidenciaram maior porcentagem de ocorrência na amostra, ou seja, apresentam média mínima de 5% em ambas as situações (SF + SN) representando 83,09% dos atos comunicativos emitidos na SF e 84,84% do total de atos comunicativos emitidos na SN, visando a possibilidade de análise de dados mais significativos para o estudo.

Dessa forma as 12 funções não analisadas foram excluídas do estudo devido à sua baixa expressividade nos resultados obtidos.

Foi analisada também pelo protocolo a porcentagem de utilização dos meios comunicativos: Verbal, Gestual e Vocal.

Neste estudo foram contadas também as respostas da criança aos adultos, sendo acrescentadas, juntamente com a proporção de interpessoalidade ao protocolo original de análise dos dados (Anexo 4).

Tem-se então neste estudo o total de dezessete variáveis a serem comparadas nas situações:

- Número de Atos comunicativos por minuto (am);
- Número de Funções (nf);
- Número de Funções mais Interpessoais (fi);
- Proporção de Interpessoalidade (p_int);
- Porcentagem de Ocupação do Espaço Comunicativo (p_oe);
- Número de Respostas (re);
- Meio comunicativo Verbal (p_ve);
- Meio comunicativo Vocal (p_vo);
- Meio comunicativo Gestual (p_ge);
- Função comunicativa mais interpessoal Comentário (p_C);
- Função comunicativa mais interpessoal Expressão de Protesto (p_EP);
- Função comunicativa mais interpessoal Protesto (p_PR);
- Função comunicativa mais interpessoal Reconhecimento do Outro (p_RO);
- Função comunicativa menos interpessoal Exploratória (p_XP);
- Função comunicativa menos interpessoal Performativa (p_PE);
- Função comunicativa menos interpessoal Jogo (p_J);
- Função comunicativa menos interpessoal Não-focalizada (p_NF).

Análise dos Dados

Para a comparação das variáveis entre as situações, foi realizada aplicação do Teste dos Postos Sinalizados de Wilcoxon, adotando o nível de significância de 5% (0,05), com intuito de verificar possíveis diferenças entre a Situação Familiar e a Situação Não-Familiar (N= 18).

3.3. Resultados

Os resultados encontrados serão apresentados em três partes, a saber:

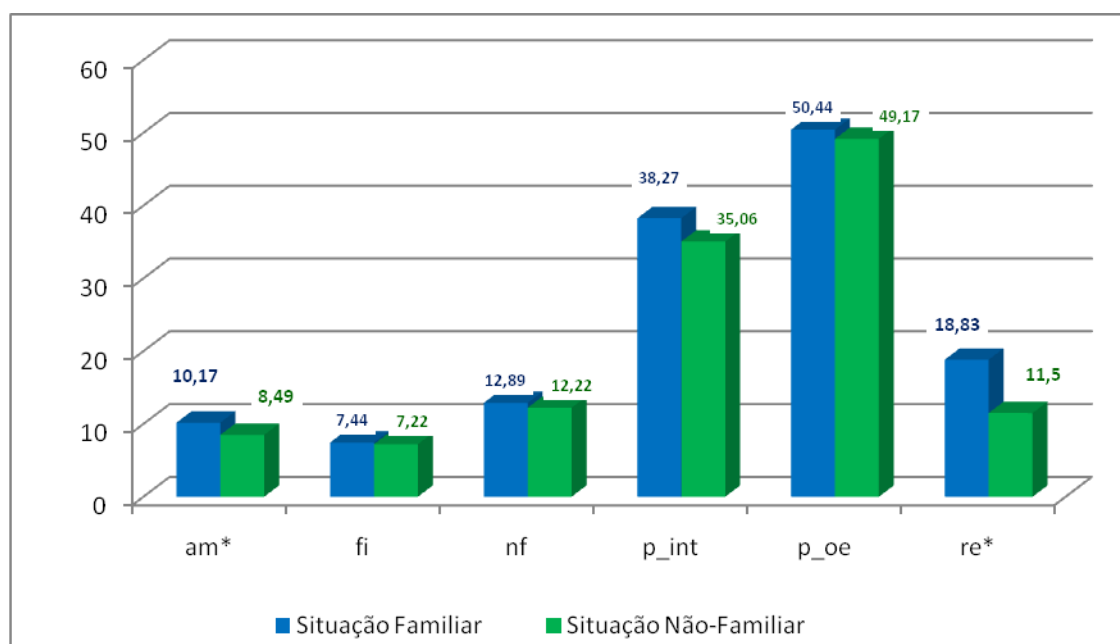
1. **Índices de Desempenho de Linguagem** (atos comunicativos por minuto, número de funções comunicativas utilizadas, número de funções comunicativas mais interpessoais, % ocupação do espaço comunicativo, % interpessoalidade e número de respostas);
2. **Meios Comunicativos** (% verbal, % vocal e % gestual); e
3. **Funções Comunicativas** (mais interpessoais e menos interpessoais).

3.3.1. Índices de Desempenho de Linguagem

A análise dos índices de desempenho de linguagem dos sujeitos nas duas situações comunicativas estudadas permitiu verificar semelhanças e diferenças entre as Situações Familiar e Não-Familiar.

O Gráfico 1 apresenta as médias de performance dos sujeitos para cada um dos índices observados.

Gráfico 1 - Índices de Desempenho de Linguagem: comparação das médias encontradas nas Situações Familiar e Não-Familiar



Legenda: am: atos comunicativos por minuto, fi: número funções mais interpessoais, nf: número de funções comunicativas utilizadas, p_: porcentagem, int: interpessoalidade, oe: ocupação do espaço comunicativo, re: número de respostas, * : índice com diferença estatisticamente significativa entre as situações (os valores estatísticos estão descritos no Anexo 7, pág. 111).

Dos seis índices analisados verificou-se diferença estatisticamente significativa entre as situações Familiar e Não-Familiar para as variáveis: atos comunicativos por minuto (*am**) e número de respostas (*re**). Sendo que as duas

variáveis demonstram maior ocorrência na Situação Familiar, conforme demonstra o Teste de Postos Sinalizados de Wilcoxon, com índice de significância de 5% (0,05), detalhado na Tabela 1.

Tabela 1 - Índices de Desempenho de Linguagem com diferença estatisticamente significativa entre as Situações Familiar e Não-Familiar

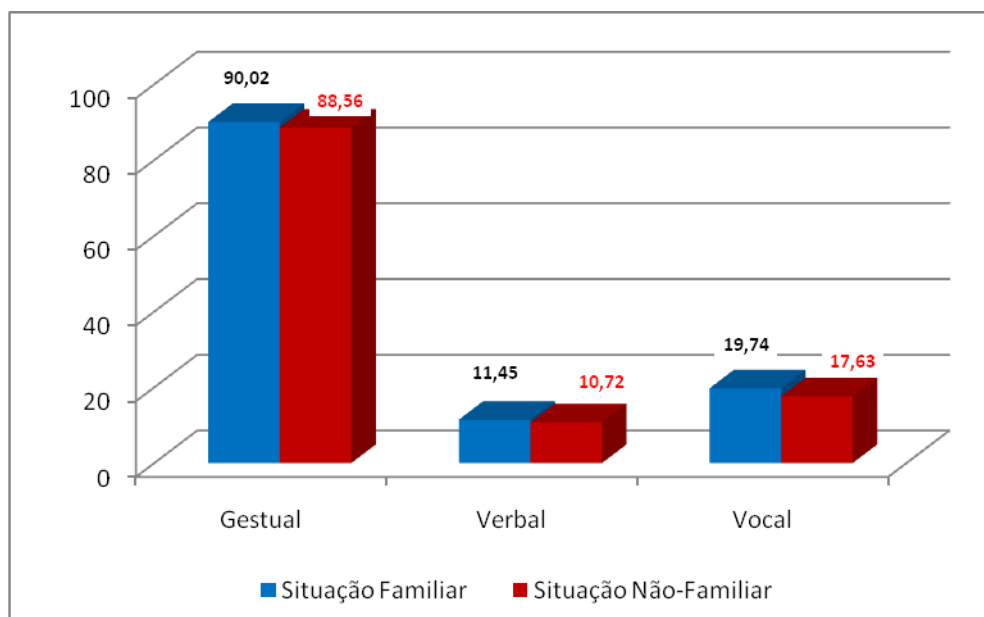
Par de Variáveis	n	Média	Desvio-padrão	Mínimo	Máximo	Significância (p)
am_SF	18	10,17	2,66	5,93	16,80	0,031*
am_SN	18	8,49	2,61	4,20	13,60	
re_SF	18	18,83	14,94	5,00	59,00	0,002*
re_SN	18	11,50	8,85	1,00	25,00	

Legenda: am: atos comunicativos por minuto, re: número de respostas, SF: Situação Familiar e SN: Situação Não-Familiar.

3.3.2. Meios Comunicativos

Ao analisar os meios comunicativos utilizados pelos sujeitos, não se verifica diferença estatisticamente significativa entre a Situação Familiar e a Situação Não-Familiar. Pode-se perceber, entretanto, que em ambas as situações há maior uso do meio comunicativo Gestual, seguido pelos meios Vocal e Verbal, como demonstram as médias de porcentagem dos meios comunicativos dos sujeitos, apresentadas no Gráfico 2.

Gráfico 2 – Meios Comunicativos: comparação das médias encontradas em Situação Familiar e Não-Familiar



Obs: os valores estatísticos encontram-se no Anexo 7, pág. 111.

3.3.3. Funções Comunicativas

A análise das funções comunicativas permite verificar variações qualitativas no desempenho dos sujeitos autistas. Para tal, essas funções foram divididas em: funções comunicativas mais interpessoais e funções comunicativas menos interpessoais.

Neste estudo optou-se pela análise das funções comunicativas mais utilizadas (*p_f_mais_ut*) pelos sujeitos (quatro funções mais interpessoais + quatro funções menos interpessoais), ou seja, aquelas que obtiveram média superior a 5% de uso nas situações (SF+SN).

Na Situação Familiar tais funções somaram 83,09% do total de atos comunicativos emitidos, enquanto na Situação Não-Familiar totalizaram 84,84%

dos atos comunicativos expressados pelo sujeito. Não se verifica diferença estatisticamente significativa dessas porcentagens (Tabela 2), o que demonstra uma semelhança na utilização dessas funções pelos participantes entre as situações estudadas, bem como a validade da utilização das funções comunicativas mais utilizadas.

Observa-se maior porcentagem de utilização das funções comunicativas menos interpessoais nas duas situações estudadas, sendo responsáveis por mais da metade dos atos comunicativos verificados, em ambas as situações, apresentando semelhança na sua expressividade entre a Situação Familiar (56,13%) e a Situação Não-Familiar (58,64%), como se verifica na Tabela 2.

As porcentagens de utilização das funções comunicativas mais interpessoais também evidenciaram semelhanças entre as situações, representando 26,96% do total de atos comunicativos emitidos na Situação Familiar e 26,22% dos atos comunicativos utilizados na Situação Não-Familiar (Tabela 2).

Tabela 2 – Funções Comunicativas mais utilizadas nas Situações Familiar e Não-Familiar: significância estatística das diferenças

Variáveis	p_média	Significância (p)
p_f_mais_ut_SF	83,09	0,275
p_f_mais_ut_SN	84,86	
p_f_mais_int_SF	26,96	0,390
p_f_mais_int_SN	26,22	
p_f_menos_int_SF	56,13	0,245
p_f_menos_int_SN	58,64	

Legenda: p_: porcentagem; f_mais_ut: total das oito funções comunicativas mais utilizadas; f_mais_int: total das quatro funções comunicativas mais interpessoais mais utilizadas; f_menos_int: total das quatro funções comunicativas menos interpessoais mais utilizadas; SF: Situação Familiar e SN: Situação Não Familiar.

Por outro lado, verificou-se diferença estatisticamente significativa entre a porcentagem de funções comunicativas mais interpessoais e a porcentagem das funções comunicativas menos interpessoais, em ambas as situações estudadas (SF e SN), como se observa na Tabela 3.

Tabela 3 – Comparação das Funções Comunicativas Mais Interpessoais e Menos Interpessoais em cada Situação (Familiar e Não-Familiar): diferenças entre as médias

Variáveis	p_média	Significância (p)
p_f_mais_int_SF	26,96	
p_f_menos_int_SF	56,13	<0,001
p_f_mais_int_SN	26,22	
p_f_menos_int_SN	58,64	<0,001

Legenda: p_:porcentagem; f_mais_int: funções comunicativas mais interpessoais; f_menos_int: funções comunicativas menos interpessoais; SF: Situação Familiar e SN: Situação Não Familiar.

As funções comunicativas menos interpessoais Jogo e Não-Focalizada foram as únicas que evidenciaram diferença estatisticamente significativa entre as Situações Familiar e Não-Familiar. A maior porcentagem da função Jogo foi encontrada na Situação Não-Familiar enquanto a maior porcentagem da função Não-Focalizada foi encontrada na Situação Familiar, conforme demonstrado na Tabela 4.

Tabela 4 – Funções Comunicativas com diferença estatisticamente significativa entre as Situações Familiar e Não-Familiar

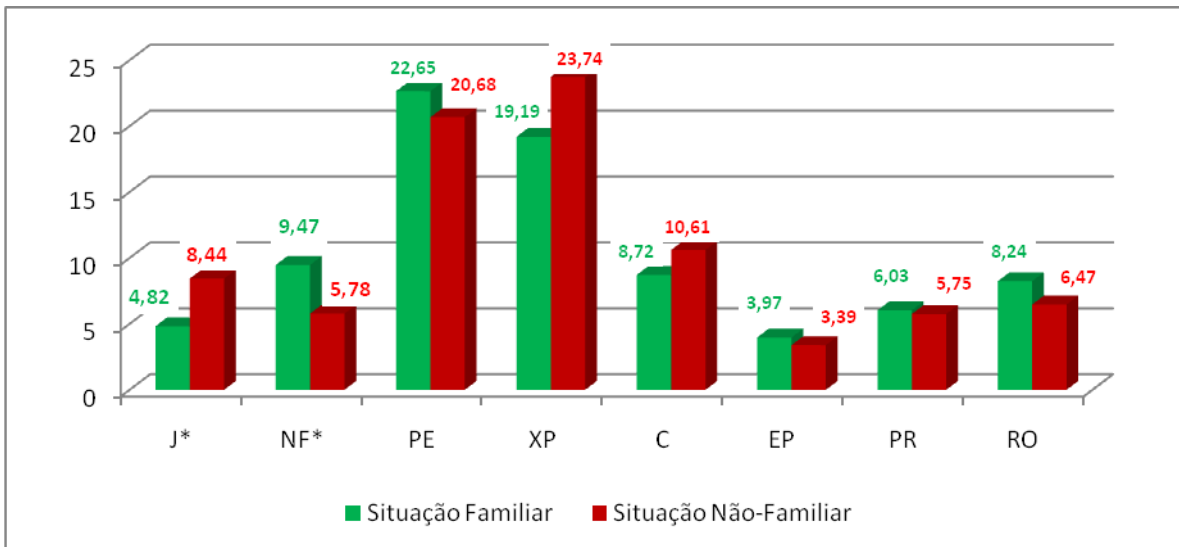
Par de Variáveis	n	Média	Desvio-padrão	Mínimo	Máximo	Significância (p)
p_J_SF	18	4,82	4,92	0,00	17,16	0,035*
p_J_SN	18	8,44	7,15	0,00	25,74	
p_NF_SF	18	9,47	8,08	0,00	29,73	0,005*
p_NF_SN	18	5,78	5,15	0,00	17,96	

Legenda: p_: porcentagem, J : função comunicativa menos interpessoal Jogo, NF : função comunicativa menos interpessoal Não-Focalizado, SF: Situação Familiar, SN; Situação Não-Familiar.

As outras funções comunicativas não demonstraram diferenças estatisticamente significativas entre as situações (Familiar e Não-Familiar). Porém, cabe ressaltar que tanto para a Situação Familiar como para a Situação Não-Familiar as funções comunicativas *Exploratória* e *Performativa* são as mais utilizadas, sendo a soma delas responsável por 41,84% dos atos comunicativos realizados na Situação Familiar e 44,42% dos atos comunicativos realizados na Situação Não-Familiar.

Contudo, na Situação Familiar a função comunicativa *Performativa* foi a mais utilizada, enquanto na Situação Não-Familiar a função comunicativa *Exploratória* foi a mais utilizada. Observa-se no Gráfico 3 as porcentagens médias das funções comunicativas estudadas, em ambas as situações, Familiar e Não-Familiar.

Gráfico 3 – Funções Comunicativas: comparação das porcentagens médias encontradas em Situação Familiar e Não-Familiar



Legenda: J: função comunicativa menos interpessoal Jogo, NF: função comunicativa menos interpessoal Não-Focalizada, PE: função comunicativa menos interpessoal Performativa, XP: função comunicativa menos interpessoal Exploratória, C: função comunicativa mais interpessoal Comentário, EP: função comunicativa mais interpessoal Expressão de Protesto, PR: função comunicativa mais interpessoal Protesto, RO: função comunicativa mais interpessoal Reconhecimento do Outro, * : função comunicativa com diferença estatisticamente significativa entre as situações (os valores estatísticos encontram-se no Anexo 7, pág 112).

3.4. Discussão

A comparação das variáveis evidenciou diferenças e semelhanças entre as Situações Familiar (SF) e Não-Familiar (SN). Tal comparação demonstrou diferença estatística significativa para apenas quatro variáveis (23%), das dezessete analisadas. Essas variáveis, relacionadas às situações comunicativas, encontram-se sintetizadas no Quadro-Resumo 1, para melhor compreensão do leitor a respeito das considerações que se seguem.

Quadro-Resumo 1– Variáveis com diferença significativa estatisticamente entre as Situações Familiar e Não-Familiar

Atos comunicativos por minuto	Situação Familiar > Situação Não-Familiar
Número de respostas	Situação Familiar > Situação Não-Familiar
Função Comunicativa Jogo	Situação Familiar < Situação Não-Familiar
Função Comunicativa Não-Focalizada	Situação Familiar > Situação Não-Familiar

Após a síntese apresentada acima, a discussão das variáveis significantes seguirá a mesma ordem de apresentação dos resultados anteriormente mencionados: Índices de Desempenho de Linguagem, Meios Comunicativos e Funções Comunicativas.

Índices de Desempenho de Linguagem

Atos comunicativos por minuto

Quanto ao número de atos comunicativos por minuto observa-se que os sujeitos autistas apresentam maior iniciativa de comunicação em Situação Familiar (SF) (Tabela 1).

Outros estudos na área apresentam resultados diferentes.

Pesquisas com sujeitos autistas, de diferentes idades em diferentes situações comunicativas, evidenciaram média de atos comunicativos inferior a 2,5 atos comunicativos por minuto, variando de 1,7 a 2,1 atos comunicativos por minuto (Fernandes, 2000, Amato, 2000, Fernandes e Barros, 2001, Molini-Avejonas, 2004, Cardoso e Fernandes, 2004, Miilher e Fernandes, 2006).

Outro estudo evidenciou média próxima a 4 atos comunicativos por minuto ao comparar o PFC de sujeitos autistas em duas situações comunicativas, diferentes pelo contexto ambiental, com mesmo interlocutor (Misquiatti, 2006).

A média de atos comunicativos em SF encontrada no presente estudo está mais próxima do esperado para adultos (10 atos/min), enquanto a média apresentada em SN (8,49 atos/min) é equivalente ao esperado para crianças normais com idades entre 5 anos e 7:6 anos de idade, segundo critérios propostos por Fernandes (2004).

Percebe-se, então, que cada amostra de sujeitos com diagnóstico incluído no espectro autístico determina resultados diferentes em relação ao número de atos comunicativos expressados por minuto, evidenciando a grande

heterogeneidade encontrada nos quadros autístico, diferentemente do observado no desenvolvimento típico, que possibilitou a criação de valores de referência para essa medida (Amato, 2000, Fernandes, 2000 e Rodrigues, 2002).

Número de Funções Comunicativas

O número médio de funções comunicativas utilizadas mostrou-se semelhante nas Situações Familiar e Não-Familiar (Gráfico 1), entre 12 e 13 funções comunicativas utilizadas no período de 15 minutos de interação, evidenciando que os sujeitos autistas utilizam-se da mesma quantidade de funções comunicativas, independente da familiaridade da situação comunicativa.

Os resultados encontram-se dentro do observado por Fernandes (1999) em crianças autistas em atividades de grupo e pouco superior ao observado nessas mesmas crianças em atividades de vida diária com suas mães. Contudo, mostram-se inferiores à média encontrada por Molini-Avejonas (2004) em crianças autistas com média etária de sete anos e em crianças normais de quatro anos (Cervone e Fernandes, 2005) e superior ao observado em crianças normais com idades entre um e três anos (Molini-Avejonas, 2004) e crianças de cinco anos (Cervone e Fernandes, 2005).

Número de Funções comunicativas Mais Interpessoais

O número de funções comunicativas mais interpessoais observado mostrou semelhança entre as Situações Familiar e Não-Familiar (Gráfico 1), com médias de 7,44 e 7,22, respectivamente.

O resultado mostrou-se superior ao encontrado por Molini-Avejonas (2004) em crianças autistas (6,55) e inferior ao observado em crianças normais (7,55) com média etária de 1:8 anos. Mostra-se também inferior ao observado por Rodrigues (2002) em crianças com ADL (alteração no desenvolvimento de linguagem) de dois (7,93), três (10,69) e quatro anos (9,38), e em crianças com desenvolvimento típico de dois, três e quatro anos.

Porcentagem de Intepessoalidade

A porcentagem de interpeçoalidade, uma medida muito útil para quantificar a qualidade comunicativa dos sujeitos, mostrou-se semelhante entre as Situações Familiar e Não-Familiar (Gráfico 1).

O resultado obtido em ambas as situações comunicativas (SF e SN) foi inferior ao observado por Fernandes (1996), que detectou aproximadamente 50% de atos comunicativos com função de interação, e inferior ao observado por Molini-Avejonas, (2004) em sujeitos autistas (44,24%) e crianças normais pequenas (64,02%).

Entretanto, mostra-se superior à média de porcentagem de intepessoalidade observado por Miilher e Fernandes (2006) em 36 sujeitos autistas (29,47%).

Ocupação do Espaço Comunicativo

A porcentagem de ocupação do espaço comunicativo também foi uma variável do PFC que evidenciou semelhança entre as situações comunicativas estudadas (SF e SN), próxima a 50% (Gráfico 1), o que demonstra uma simetria na comunicação dos parceiros comunicativos, em ambas as situações.

O resultado encontrado mostra-se semelhante ao observado por Fernandes (1996) em uma pesquisa com 50 sujeitos com diagnóstico incluído no espectro autístico, superior ao observado por Molini-Avejonas (2004) em sujeitos autistas (39,85%) e crianças normais (44,35%) e ao observado por Loveland e Landry (1986), que detectaram apenas 17% de iniciativas realizadas pelos sujeitos autistas de sua pesquisa.

O resultado provavelmente deve-se ao fato das fonoaudiólogas (SF e SN) desta pesquisa, utilizarem a proposta de trabalho sugerida por Fernandes (1996), a qual preconiza a ocupação mais simétrica do espaço comunicativo.

Número de Respostas

O número de respostas apresentou diferença estatisticamente significativa entre SF e SN (Tabela 1), sugerindo maior responsividade ao interlocutor familiar, devendo-se ressaltar que o desvio-padrão encontrado em Situação Familiar evidencia grandes variações individuais nessa situação.

Estudos identificaram aumento na responsividade ao interlocutor e na qualidade das respostas no decorrer do processo terapêutico de sujeitos autistas (Moreira e col., 2007 e Barbosa e col., 2007).

Esta medida mostrou-se a variável com maior significância estatística na comparação das situações (Tabela 1), sugerindo ser aquela que sofre maior interferência em relação à familiaridade da situação.

Meios Comunicativos

Os resultados obtidos demonstraram semelhança entre as situações para cada um dos três meios comunicativos. A ordem de frequência utilização dos meios foi igual para SF e SN, com o meio Gestual preferencialmente utilizado, seguido pelo meio Vocal e o Verbal como meio comunicativo menos utilizado pelos sujeitos, independente da situação comunicativa (Gráfico 2).

Tal ordem na frequência de utilização dos meios comunicativos (GE >VO > VE) foi também observado no estudo de Amato (2000) com dez

crianças autistas, em interação com suas mães e sem atendimento fonoaudiológico anterior, e por Molini-Avejonas (2004) em 20 crianças autistas e em 20 crianças normais com média etária de 1:8 ano. Observou-se também essa mesma ordem de utilização dos meios comunicativo (GE > VO > VE) em crianças com Alteração no Desenvolvimento de Linguagem (ADL) com idades de dois, três e quatro anos (Rodrigues, 2004).

Outros estudos (Fernandes, 2000; Cardoso e Fernandes, 2004; Misquiatti, 2006) obtiveram ordens diferentes na frequência de utilização dos meios comunicativos, mantendo o meio comunicativo Gestual como aquele mais utilizado pelos autistas, porém com o meio comunicativo Verbal sendo o segundo mais frequente, e o meio comunicativo Vocal com a menor utilização (GE > VE > VO).

Contudo, outro estudo com quatro sujeitos autistas (Wheterby e Prutting, 1984) verificou a maior utilização do meio comunicativo Vocal, seguido pelo Gestual e tendo como meio comunicativo menos utilizado o meio Verbal (VO > GE > VE).

Já o estudo de Loveland e colaboradores (1988), com doze sujeitos autistas, observou maior utilização do meio comunicativo Verbal, seguido pelo Ininteligível (equivalente ao Vocal) e com menor utilização do meio comunicativo Gestual (VE > VO > GE). Outra pesquisa que analisou o PFC de crianças normais de quatro e cinco anos também obteve essa ordem na utilização dos meios comunicativos: VE > VO > G (Cervone e Fernandes, 2005).

Estudos sobre normalidade apontam que a maior utilização do meio comunicativo Gestual ocorre até o 15º mês de vida, sendo substituído então pelo meio comunicativo Verbal (Amato, 2000).

Devemos ressaltar que nenhum dos estudos mencionados apresentou porcentagens de utilização dos meios comunicativos semelhante ao encontrado na presente pesquisa, sendo possível apenas uma comparação em relação à ordem de frequência de utilização dos meios comunicativos nas situações de interação dos diversos grupos.

Funções Comunicativas

Os dados obtidos permitem identificar que em ambas as situações comunicativas (SF e SN) as funções comunicativas menos interpessoais apresentam maior porcentagem de utilização do que as funções comunicativas mais interpessoais (Tabela 3).

Outras pesquisas com sujeitos autistas obtiveram o mesmo resultado (Fernandes, 2000, Amato, 2000 e Miilher e Fernandes, 2006).

Enquanto outros estudos obtiveram maior número de atos comunicativos com função mais interpessoal, como o de Cardoso (2003) e o estudo de Wheterby e Prutting (1984) que encontrou 720 atos interativos (equivalente aos mais interpessoais) e 177 atos não-interativos (equivalente aos menos interpessoais).

Estudos evidenciaram também maior porcentagem de atos comunicativos com função comunicativa mais interpessoal no desenvolvimento típico em crianças com dois, três e quatro anos (Rodrigues, 2002) e em crianças com ADL de dois, três e quatro anos.

Não foi possível verificar diferenças na porcentagem total de atos comunicativos com função menos interpessoal entre as Situações Familiar e Não-Familiar, assim como em relação aos atos comunicativos com função comunicativa mais interpessoal (Tabela 2).

Neste estudo percebeu-se diferenças significativas entre as situações (SF e SN) apenas nas funções menos interpessoais Jogo e Não-Focalizada que, embora pouco freqüentes na amostra (entre 4,82% e 9,47%) se comparadas com XP e PE (entre 19,19% e 23,74%), são opostas nas situações: a função Jogo mostra-se superior na SN, enquanto a função comunicativa Não-Focalizada foi superior na Situação Familiar.

A ordem de freqüência na utilização das funções comunicativas foi diferente em cada Situação: em SF têm-se PE > XP > NF > C > RO > PR > J > EP e em SN têm-se XP > PE > C > RO > NF > PR > J > EP. No Quadro-Resumo 2, encontram-se os dados deste estudo e de outros estudos do PFC, com o intuito de facilitar a comparação entre as amostras obtidas na literatura.

Quadro-Resumo 2 - Dados de Literatura sobre a ordem de freqüência da utilização das funções comunicativas

			C	RO	EP	PR	PE	XP	NF	J
Moreira, 2009	Autistas	SF	4 ^a	5 ^o	8 ^a	6 ^o	1 ^a	2 ^a	3 ^a	7 ^a
	Autistas	SN	3 ^a	4 ^a	8 ^a	6 ^a	2 ^a	1 ^a	5 ^a	7 ^a
Wheterby, 1986	Normais		4 ^a	11 ^a	x	5 ^a	9 ^a	x	14 ^a	x
	Autistas		n	n	x	2 ^a	10 ^a	x	4 ^a	x
Wheterby & Prutting, 1984	Normais		4 ^a	10 ^a	x	5 ^a	9 ^a	x	14 ^a	x
	Autistas		n	n	x	2 ^a	9 ^a	x	4 ^a	x
Amato, 2000	Autistas		n	10 ^a	3 ^a	n	9 ^a	2 ^a	1 ^a	11 ^a
	Normais	1:3 anos	10 ^a	7 ^a	3 ^a	n	9 ^a	1 ^a	6 ^a	10 ^a
Fernandes, 2000	Autistas	G1	7 ^a	14 ^a	7 ^a	10 ^a	5 ^a	6 ^a	1 ^a	2 ^a
		G2	1 ^a	19 ^a	15 ^a	10 ^a	4 ^a	7 ^a	1 ^a	2 ^a
Rodrigues, 2002	Normais	2 anos	1 ^a	9 ^a	n	7 ^a	3 ^a	n	12 ^a	n
		3 anos	1 ^a	12 ^a	n	7 ^a	3 ^a	n	n	n
		4 anos	1 ^a	12 ^a	8 ^a	6 ^a	4 ^a	n	n	n
	ADL	2 anos	1 ^a	n	n	5 ^a	7 ^a	9 ^a	9 ^a	n
		3 anos	1 ^a	15 ^a	13 ^a	12 ^a	4 ^a	8 ^a	15 ^a	n
		4 anos	1 ^a	10 ^a	11 ^a	6 ^a	5 ^a	n	n	8 ^a
Misquiatti, 2006	Autistas	S_Nic	8 ^a	3 ^a	12 ^a	6 ^a	16 ^a	2 ^a	1 ^a	4 ^a
		S_Comum	7 ^a	3 ^a	12 ^a	7 ^a	16 ^a	2 ^a	1 ^a	6 ^a
Miilher e Fernandes, 2006	Autistas		4 ^a	6 ^a	8 ^a	12 ^a	1 ^a	3 ^a	2 ^a	10 ^a

Legenda: C: função comunicativa mais interpessoal Comentário, RO: função comunicativa mais interpessoal Reconhecimento do Outro, EP: função comunicativa mais interpessoal Expressão de Protesto, PR: função comunicativa mais interpessoal Protesto, PE: função comunicativa menos interpessoal Performativa, XP: função comunicativa menos interpessoal Exploratória, NF: função comunicativa menos interpessoal Não-Focalizada, J: função comunicativa menos interpessoal Jogo, n: não se observou a utilização, x: o estudo não considerou essa função comunicativa.

Os dados do Quadro-Resumo sugerem diferenças na utilização das funções comunicativas para diferentes populações de sujeitos autistas. Contudo, algumas semelhanças puderam ser encontradas, como descrito a seguir.

Um estudo com situação comunicativa semelhante à SF (Miilher e Fernandes, 2006), obteve as mesmas quatro funções menos interpessoais como

aquelas mais freqüentes, porém a ordem de utilização encontrada (PE > NF > XP > J) foi diferente tanto da SF como da SN.

Um estudo de dez crianças autistas em interação com suas mães (Amato, 2000) encontrou a função comunicativa menos interpessoal Não-Focalizada como a mais freqüente (22,2%), seguida pela função Exploratória (17,7%), sendo que as outras funções comunicativas menos interpessoais mostraram-se muito semelhantes com máximo de 0,5% (Auto-Regulatória).

A maior porcentagem da utilização da função comunicativa menos interpessoal Não-Focalizada na Situação Familiar foi semelhante do encontrado no estudo de Miilher e Fernandes (2006) que foi de 9,44% dos atos comunicativos, sugerindo uma consistência no seu uso em situação de interação com terapeuta familiar, levantando questionamentos importantes:

Seria esta função, apesar de menos interpessoal, relacionada diretamente ao interlocutor?

A situação comunicativa SF apresentaria maior demanda comunicativa causando maiores situações estressantes e, portanto maior uso de atos Não-Focalizados pelos sujeitos?

A maior utilização da função comunicativa Jogo na situação comunicativa Não-Familiar pode sugerir que nesta situação os sujeitos mostram-se mais auto-centrados, sendo que esta função requer maior organização do sujeito, como aponta Cardoso (2001).

As funções comunicativas mais interpessoais não evidenciaram diferenças significativas entre as situações e suas porcentagens evidenciaram a mesma ordem de utilização das funções (CO > RO > PR > EP) em ambas as situações

(SF e SN). A função comunicativa Comentário também apareceu como aquela mais utilizada, dentre as mais interpessoais, no estudo de Milher e Fernandes (2006), enquanto no estudo de Amato (2000) essa posição foi ocupada pela função comunicativa Expressão de Protesto (EP). Porém, em ambos os estudos, a ordem de utilização das funções comunicativas mais interpessoais foi diferente.

Os dados sugerem que a grande heterogeneidade dos quadros autísticos tornam difíceis generalizações a respeito de variáveis específicas relacionadas ao desempenho comunicativo de sujeitos autistas, sendo possível apenas suposições referentes a cada amostra em dado momento.

3.5 Conclusão

A partir dos resultados obtidos e discutidos pode-se verificar as hipóteses levantadas:

Hipótese 1 : confirmada

Observou-se maior número de atos comunicativos por minuto em Situação Familiar, como esperado.

Hipótese 2 : não-confirmada

As diferenças na porcentagem de funções comunicativas mais interpessoais entre as Situações Familiar e Não-Familiar não foram significativas.

Hipótese 3 : confirmada

Obteve-se maior número de respostas ao interlocutor familiar em Situação Familiar, sendo a variável com maior diferença estatística entre as situações de interação (SF e SN), como esperado.

Hipótese 4 : não-confirmada

A utilização do meio comunicativo Verbal mostrou-se semelhante nas situações (SF e SN).

A pesquisa demonstrou que para a avaliação de linguagem de sujeitos autistas não é possível dizer que uma situação comunicativa é muito melhor do

que a outra, dado o pequeno número de variáveis estatisticamente diferentes (23%). Contudo, a Situação Familiar, usualmente utilizada na avaliação de sujeitos do Espectro Autístico, mostrou-se efetiva ao verificar mais iniciativas comunicativas, bem como maior responsividade ao interlocutor, e maior variação nas diferenças individuais, sugerindo que os sujeitos autistas “mostram-se” mais nesta situação.

A maior utilização da função comunicativa Jogo em Situação Não-Familiar também corrobora esta afirmação, pois essa função tem um papel importante na organização do sujeito embora ainda de forma auto-centrada. Da mesma forma, a maior utilização da função comunicativa Não-Focalizada em Situação Familiar, pode representar uma reação à maior demanda comunicativa na interação com adulto familiar, como discutido anteriormente.

Não se pode afirmar também que o procedimento de apresentação do material utilizado na interação tenha determinado diferenças no PFC dos sujeitos, pois variáveis mais relacionadas à manipulação de objetos como a função comunicativa Exploratória e Performativa não evidenciaram diferença estatística entre as situações.

Estudos futuros em ambientes mais diferenciados, como a escola e a casa dos sujeitos, poderão identificar diferenças em relação ao PFC, bem como a possível generalização das habilidades aprendidas em contextos terapêuticos para outros contextos de interlocução. Assim como a interação nos mesmos moldes da pesquisa, com outros interlocutores, como pais, irmãos, adultos desconhecidos e não-fonoaudiólogos, poderão identificar se a variável interlocutor realmente determina diferenças no perfil comunicativo de sujeitos autistas.

Conclui-se, desta forma, que a familiaridade da situação comunicativa apresenta pouca interferência na avaliação da comunicação de sujeitos pertencentes ao Espectro Autístico.

4. ESTUDO 2

Avaliação Comunicativa no Espectro Autístico:

Interferência do Tempo de Interação

4.1. Objetivo e Hipóteses

O objetivo do segundo estudo é verificar a interferência do tempo de interação no desempenho comunicativo de sujeitos com diagnóstico incluído no Espectro Autístico, em Situação Familiar (SF) e Situação Não-Familiar (SN) de interação.

A análise dos dados visa verificar as seguintes hipóteses, relacionada a indivíduos do espectro autístico:

1. Haverá melhora no desempenho comunicativo dos participantes ao longo dos três períodos de interação, tanto em Situação Familiar (SF) como em situação Não-Familiar (SN).
2. Haverá diferenças entre as Situações Familiar (SF) e Não-Familiar (SN) nos três períodos estudados ($P1_{SF} \neq P1_{SN}$, $P2_{SF} \neq P2_{SN}$, $P3_{SF} \neq P3_{SN}$).

4.2. Método

4.2.1. Participantes

Os participantes do presente estudo foram 18 sujeitos portadores de diagnóstico incluído Transtornos do Espectro Autístico, com diagnóstico psiquiátrico realizado segundo os critérios propostos pelo Manual de Classificação Internacional de Doenças (CID-10- OMS, 1993) e/ou pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-IV.- APA, 1994). Os sujeitos encontram-se em atendimento fonoaudiológico especializado semanal no Laboratório de Investigação Fonoaudiológica nos Distúrbios do Espectro Autístico da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Suas idades variaram de 3 anos e 11 meses a 17 anos e 11 meses, com média etária de 8 anos e 9 meses (DP: 3,6 anos) .

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da instituição com número 208/06 (Anexo 1) e o termo de consentimento livre e esclarecido foi assinado pelos responsáveis (Anexo 2).

4.2.2. Material

Foram utilizados: filmadora de vídeo, fitas, dois vídeos-cassete, DVD's, DVD Players, protocolos de registro (Anexo 4) e brinquedos, diferentes nas duas situações:

SF - Situação Familiar: Material Lúdico conhecido: todos os brinquedos disponíveis no acervo do laboratório, que conta com uma grande variedade de jogos, miniaturas, quebra-cabeças e outros materiais.

SN – Situação Não-Familiar: Material Lúdico pré-determinado (Anexo 5): bola, massa de modelar, bolinhas de sabão, canetinhas, papel, brinquedos de encaixe, jogos, bonecas, carrinhos e miniaturas, apresentados dentro de uma caixa.

4.2.3. Procedimentos

Para este estudo foram utilizados os dados coletados e transcritos no Estudo 1, referentes aos 15 minutos iniciais de interação de cada dupla (sujeito/terapeuta ou sujeito/pesquisadora). Em seguida cada transcrição foi dividida em períodos de 5 minutos, sendo preenchido o Protocolo do Perfil Funcional da Comunicação (Anexo 4) para cada período (P1_SF ≠ P1_SN, P2_SF ≠ P2_SN, P3_SF ≠ P3_SN).

Obteve-se um total de 54 protocolos dos participantes na Situação Familiar (P1+P2+P3) e 54 protocolos na Situação Não-Familiar (P1+P2+P3), 54 protocolos das terapeutas (SF) e 54 protocolos da pesquisadora (SN), sendo que os protocolos dos adultos foram utilizados apenas para cálculo da proporção de ocupação do espaço comunicativo pelos sujeitos.

Neste estudo foram utilizadas as mesmas variáveis discutidas no Estudo 1 de acordo com as pressuposições colocadas no item procedimentos (pág. 47) daquele estudo.

Análise dos Dados

Inicialmente foi realizada a comparação dos períodos inicial (P1), intermediário (P2) e final (P3) em Situação Familiar e dos três períodos (P1, P2 e P3) em Situação Não-Familiar para cada variável, pela aplicação do Teste de Friedman, com o intuito de verificar diferenças significantes entre os três intervalos, para cada situação (SF e SN).

Para as variáveis em que se encontrou diferença estatisticamente significativa entre os períodos foi aplicado o Teste dos Postos Sinalizados de Wilcoxon para identificar quais períodos se diferenciam dos demais.

Posteriormente realizou-se a comparação de cada período entre as Situações Familiar e Não-Familiar (P1_SF x P1_SN, P2_SF x P2_SN, P3_SF x P3_SN), pela aplicação do Teste de Postos Sinalizados de Wilcoxon.

O nível de significância adotado neste estudo, para todas as análises, foi de 5% (0,050).

4.3 Resultados

A apresentação dos resultados e análise dos dados será dividida em três partes, a saber:

- 1. Índices de Desempenho de Linguagem** (atos/minuto, número de funções, número de funções mais interpessoais, % ocupação do espaço comunicativo, % interpessoalidade e número de respostas);
- 2. Meios Comunicativos** (% meio verbal, % meio vocal e % meio gestual);
- 3. Funções Comunicativas** (mais interpessoais e menos interpessoais).

Em cada parte analisou-se a comparação dos três períodos consecutivos de interação (P1, P2 e P3) para cada situação (SF e SN). Realizou-se também a comparação entre as Situações Familiar e Situação Não-Familiar para cada Período (P1_SF x P1_SN, P2_SF x P2_SN, P3_SF x P3_SN).

4.3.1. Índices de Desempenho de Linguagem

A análise dos três períodos consecutivos de interação (P1, P2 e P3) em Situação Familiar (SF), permitiu identificar diferença estatisticamente significativa apenas para o Índice *porcentagem de interpessoalidade* (p_int), diferentemente do observado em Situação Não-Familiar (SN), conforme descrito nas Tabelas 5 (SF) e 6 (SN).

Percebe-se um aumento progressivo da porcentagem de interpessoalidade no decorrer dos três períodos. A aplicação do Teste de Postos sinalizados de Wilcoxon evidenciou, entretanto, que há diferença estatística apenas entre os resultados obtidos em P1 e em P3, conforme descreve a Tabela 7.

Tabela 5 – Comparação da Porcentagem de Interpessoalidade entre os períodos inicial (P1), intermediário (P2) e final (P3) na Situação Familiar

Blocos de Variáveis	n	Média	Desvio-padrão	Mínimo	Máximo	Significância (p)
p_int_P1_SF	18	34,01	15,62	4,13	56,66	
p_int_P2_SF	18	36,28	15,02	13,80	60,71	0,043
p_int_P3_SF	18	40,88	13,06	12,50	56,82	

Legenda: p_: porcentagem; int_: interpessoalidade; P1: período inicial, P2: período intermediário, P3: período final e SF: Situação Familiar.

Tabela 6 – Comparação da Porcentagem de Interpessoalidade entre os períodos inicial (P1), intermediário (P2) e final (P3) na Situação Familiar

Bloco de Variáveis	n	Média	Desvio-padrão	Mínimo	Máximo	Significância (p)
p_int_P1_SN	18	30,83	11,57	13,30	55,33	0,115
p_int_P2_SN	18	34,71	15,60	11,90	70,14	
p_int_P3_SN	18	39,69	13,19	23,91	75,75	

Legenda: p_: porcentagem; int_: interpessoalidade; P1: período inicial, P2: período intermediário, P3: período final e SN: Situação Não-Familiar.

Tabela 7 – Diferença das Porcentagens de Interpessoalidade em Situação Familiar nos Períodos 1, 2 e 3 de interação

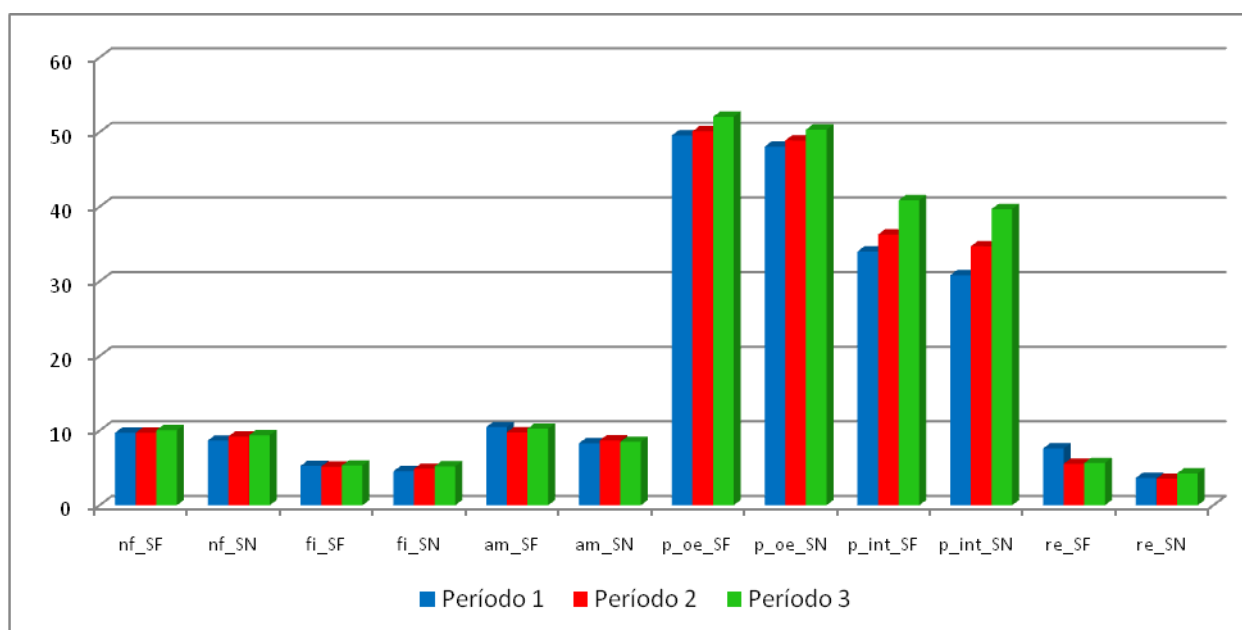
Par de Variáveis	Significância (p)
p_int_P1_SF - p_int_P2_SF	0,372
p_int_P1_SF - p_int_P3_SF	0,009
p_int_P2_SF - p_int_P3_SF -	0,094

Legenda: p_: porcentagem, int_: interpessoalidade, P1: período inicial, P2: período intermediário, P3: período final e SF: Situação Familiar.

Comparando-se os dados obtidos em Situação Não-Familiar, verifica-se semelhança entre os três períodos de interação (P1, P2 e P3) para todos os Índices de Desempenho de Linguagem (valores estatísticos no Anexo 8, pág 115), o que demonstra maior homogeneidade dos Índices de Desempenho de Linguagem nesta situação. Os resultados obtidos nas situações (SF e SN) e nos três períodos consecutivos encontram-se no Gráfico 4.

Cabe ressaltar também que, pela análise qualitativa dos três períodos de interação, é possível perceber tendências semelhantes no desempenho dos sujeitos em relação à porcentagem de interpessoalidade para ambas as situações (SF e SN). Tal índice apresentou um aumento progressivo no decorrer dos três períodos de interação (P1, P2 e P3) em ambas as Situações estudadas (Gráfico 4). Porém, esse aumento mostrou-se estatisticamente significativo apenas na Situação Familiar.

Gráfico 4 – Índices de Desempenho de Linguagem: comparação das porcentagens médias encontradas em Situação Familiar e Não-Familiar em cada Período (P1, P2 e P3)



Legenda: nf: número de funções comunicativas utilizadas, fi: número de funções mais interpessoais utilizadas, am: atos comunicativos por minuto, p_: porcentagem, oe: ocupação do espaço comunicativo, int: interpessoalidade, re: número de respostas, SF: Situação Familiar, SN: Situação Não-Familiar e * : índice com diferença estatisticamente significativa entre as situações (os valores estatísticos encontram-se no Anexo 8, pág. 113 e pág. 115).

Após a análise dos três períodos para cada situação, foi realizada a comparação entre as Situações Familiar e Não-Familiar para cada período, como se segue.

O primeiro período de interação (P1), referente aos cinco minutos iniciais de interação entre a dupla, evidenciou diferença estatisticamente significativa para dois Índices estudados: atos comunicativos por minuto (am) e número de respostas (re), conforme a Tabela 8. Sendo que para ambos os Índices (am e re) a média foi superior na Situação Familiar. Tal resultado demonstra maior quantidade de iniciativa de comunicação pelos sujeitos na Situação Familiar (SF), bem como maior responsividade ao interlocutor familiar nesse período de interação.

Tabela 8 – Comparação dos índices de desempenho com diferença estatística significativa entre as Situações Familiar e Não-Familiar no Período Inicial (P1)

Par de Variáveis	n	Média	Desvio-padrão	Mínimo	Máximo	Significância (p)
am_P1_SF	18	10,48	2,83	7,00	17,40	0,029
am_P1_SN	18	8,32	2,87	3,60	13,00	
re_P1_SF	18	7,61	6,34	0,00	23,00	0,001
re_P1_SN	18	3,67	3,85	0,00	12,00	

Legenda: am: atos comunicativos por minuto, re: número de respostas, P1: período inicial, SF: Situação Familiar e SN: Situação Não-Familiar.

A comparação das Situações Familiar e Não-Familiar no período intermediário de interação (P2), demonstrou diferença estatisticamente significativa apenas para o número de respostas, que foi superior na Situação Familiar, como apresentado na Tabela 9.

Tabela 9 – Comparação dos índices de desempenho com diferença estatística significativa entre as Situações Familiar e Não-Familiar no Período Intermediário (P2)

Par de Variáveis	n	Média	Desvio-padrão	Mínimo	Máximo	Significância (p)
re_P2_SF	18	5,56	5,41	0,00	21,00	0,041
re_P2_SN	18	3,56	2,89	0,00	10,00	

Legenda: re: número de respostas, P2: período intermediário, SF: Situação Familiar e SN: Situação Não-Familiar.

No período final de interação (P3), não foi observada diferença estatisticamente significativa entre as Situações Familiar e Não-Familiar para os Índices de Desempenho de Linguagem.

Dessa forma, foi possível identificar uma diminuição das diferenças entre SF e SN no decorrer dos três períodos de interação (P1, P2 e P3), considerando que no período inicial (P1) houve duas variáveis com diferenças estatisticamente significativas, no segundo período (P2) apenas uma variável evidencio diferença estatística significativa entre as situações (SF e SN) e no período final de interação não foram detectadas diferenças estatisticamente significativas entre as Situações Familiar e Não-Familiar em relação aos Índices de Desempenho de Linguagem.

4.3.2. Meios Comunicativos

Os resultados obtidos em relação aos meios comunicativos utilizados pelos participantes da presente pesquisa permitem identificar diferenças entre o uso dos

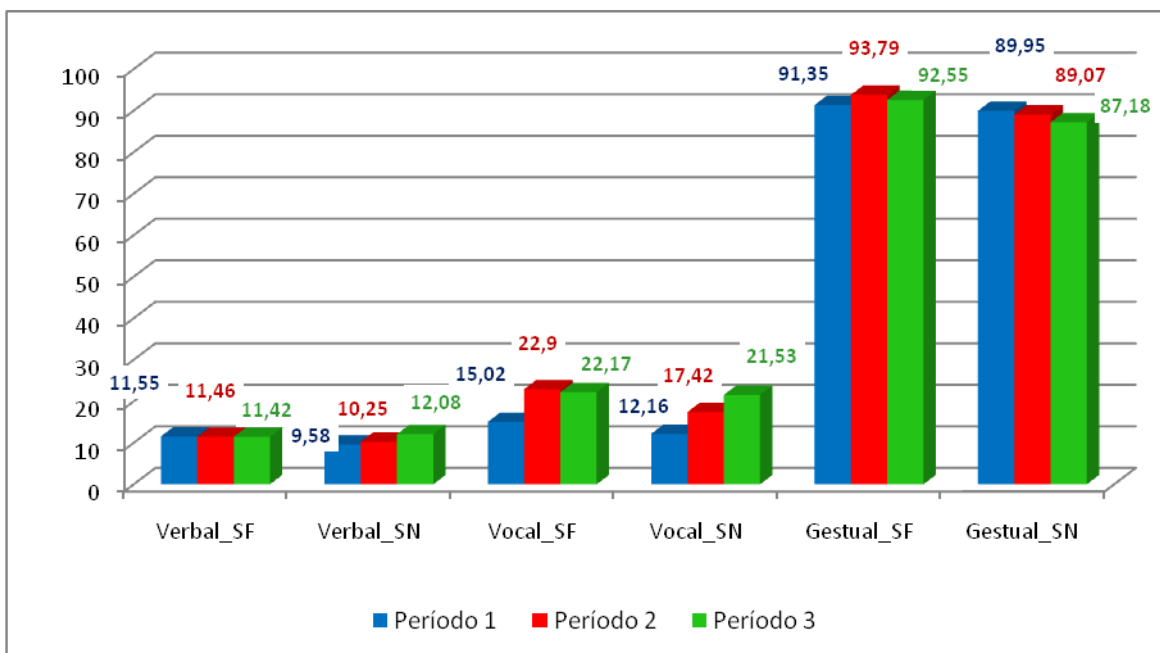
meios Verbal, Vocal e Gestual de comunicação, durante a interação com seus parceiros de interlocução.

Em ambas as situações analisadas (Familiar e Não-Familiar) percebe-se maior utilização do meio comunicativo Gestual, seguido pelos meios Vocal e Verbal, como observado no Gráfico 5.

Contudo, a comparação dos três tempos consecutivos de interação (P1, P2 e P3) na Situação Familiar não evidencia diferença significativa alguma no desempenho médio dos participantes entre os três períodos de interação, para nenhum dos meios comunicativos estudados. O mesmo ocorre na Situação Não-Familiar, sendo possível identificar que os participantes não variam significativamente suas formas de expressão no decorrer da interação, seja em Situação Familiar ou Não-familiar.

Ao se verificar tendências qualitativas, identifica-se em Situação Não-Familiar uma diminuição progressiva do meio comunicativo Gestual no decorrer da interação, concomitante a um aumento progressivo dos meios comunicativos Verbal e Vocal de comunicação, o que não ocorre em Situação Familiar de interação (Gráfico 5). Porém, tal tendência não se confirma significativa pelo nível de significância estatística adotado neste estudo ($p < 0,05$).

Gráfico 5 – Meios Comunicativos: comparação das porcentagens médias encontradas em Situação Familiar e Não-Familiar em cada Período (P1, P2 e P3)



Legenda: SF: Situação Familiar e SN: Situação Não-Familiar (os valores estatísticos encontram-se no Anexo 8, pág.113 e pág. 115).

O período inicial de interação, referente aos 5 minutos iniciais de troca comunicativa pela dupla, mostrou semelhança estatística entre as Situações Familiar e Não-Familiar em relação a cada um dos meios comunicativos estudados (Verbal, Vocal e Gestual).

O segundo período interativo da dupla evidenciou diferença estatística significativa entre as situações comunicativas (SF e SN) apenas para o meio Gestual de expressão, que se mostrou superior na Situação Familiar, como se observa na Tabela 10.

Tabela 10 – Meios comunicativos com diferença estatisticamente significativa entre as Situações Familiar e Não-Familiar no Período Intermediário (P2)

Par de Variáveis	n	Média	Desvio-padrão	Mínimo	Máximo	Significância (p)
p_ge_P2_SF	18	93,79	6,98	80,00	100,00	0,022
p_ge_P2_SN	18	89,07	9,50	62,69	100,00	

Legenda: p_: porcentagem, ge: meio comunicativo gestual, P2: período intermediário, SF: Situação Familiar e SN: Situação Não-Familiar.

No período final de interação da dupla (P3), observou-se novamente diferença estatisticamente significativa na porcentagem de expressão do meio Gestual que foi superior na Situação Familiar do que na Situação Não-Familiar (Tabela 11).

Tabela 11 – Meios comunicativos com diferença estatisticamente significativa entre as Situações Familiar e Não-Familiar no Período Final (P3)

Par de Variáveis	n	Média	Desvio-padrão	Mínimo	Máximo	Significância (p)
ge_P3_SF	18	92,55	8,95	76,00	100,00	0,039
ge_P3_SN	18	87,18	13,48	46,97	100,00	

Legenda: ge: meio comunicativo gestual, P3: período final, SF: Situação Familiar e SN: Situação Não-Familiar.

4.3.3. Funções Comunicativas

A análise das funções comunicativas utilizadas pelos sujeitos permitiu verificar o desempenho qualitativo da comunicação dos sujeitos autistas durante a interação com interlocutor adulto (terapeuta ou pesquisadora).

A apresentação dos resultados obtidos nas Situações (SF e SN) será dividida em dois itens: Funções Comunicativas Mais Interpessoais e Funções Comunicativas Menos Interpessoais.

Funções Comunicativas Mais Interpessoais

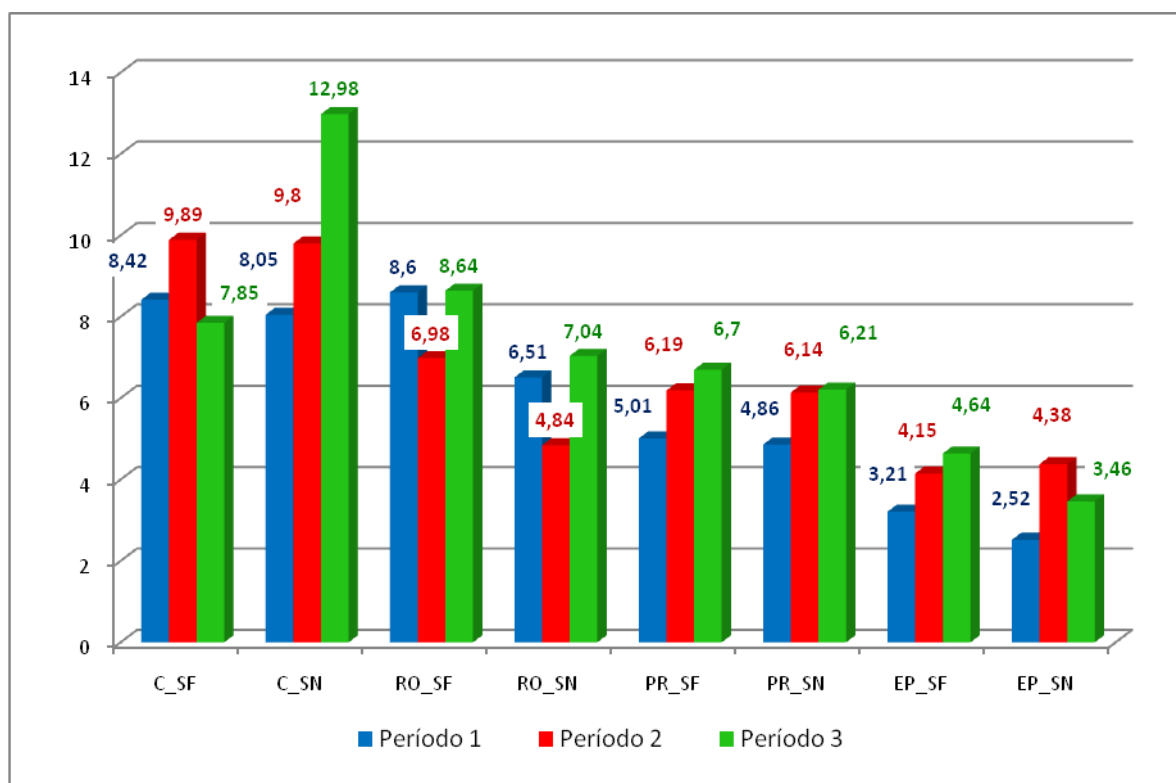
As funções comunicativas mais interpessoais: Comentário, Reconhecimento do Outro, Expressão de Protesto e Protesto, foram responsáveis por 26,96% do total de atos comunicativos utilizados pelos participantes em Situação Familiar. Da mesma forma, essas funções correspondem a 26,22% do total de atos comunicativos observados em Situação Não-Familiar, nos 15 minutos de interação (P1+P2+P3) analisados neste estudo.

A análise qualitativa dos resultados obtidos evidencia a maior utilização das funções comunicativas Comentário e Reconhecimento do Outro, como observado no gráfico 6.

Ao se comparar os três períodos consecutivos de interação (P1, P2 e P3) em Situação Familiar não foi possível identificar diferenças estatisticamente significativas para nenhuma das quatro funções comunicativas mais interpessoais

analisadas. O mesmo ocorre em Situação Não-Familiar, evidenciando equilíbrio ao longo do tempo no que diz respeito à utilização dessas funções no decorrer da troca comunicativa em ambas as situações.

Gráfico 6 – Funções Comunicativas Mais Interpessoais: comparação das porcentagens médias encontradas em Situação Familiar e Não-Familiar em cada Período (P1, P2 e P3)



Legenda: C: função comunicativa mais interpessoal Comentário, RO: função comunicativa mais interpessoal Reconhecimento do Outro, PR: função comunicativa mais interpessoal protesto, EP: função comunicativa mais interpessoal Expressão de Protesto, SF: Situação Familiar e SN: Situação Não-Familiar (os valores estatísticos encontram-se no Anexo 8, pág. 114, 115e 116).

Analisando os períodos separadamente, observam-se semelhanças entre as situações (Familiar e Não-Familiar) para cada função comunicativa estudada. Dessa forma, seja no período inicial (P1), intermediário (P2) ou final (P3) da interação entre as duplas, os participantes utilizam-se de quantidades

semelhantes de atos comunicativos com função mais interpessoal, independente da familiaridade da situação comunicativa.

Funções Comunicativas Menos Interpessoais

As funções comunicativas menos interpessoais mais utilizadas pelos sujeitos (Exploratória, Performativa, Jogo e Não-Focalizada) totalizaram 56,13% do total de atos comunicativos expressados em Situação Familiar e 58,64% do total de atos comunicativos emitidos em Situação Não-Familiar, nos 15 minutos totais de interação das duplas (P1+P2+P3).

Em Situação Familiar verifica-se diferença significativa estatisticamente entre os períodos (P1, P2 e P3) apenas em relação à quantidade de atos comunicativos com função de Jogo (Tabela 12). Como se observa na Tabela 13, tais atos comunicativos se diferenciam entre o período inicial (P1) e o período intermediário (P2) e entre o período inicial (P1) e o período final (P3).

Tabela 12 – Comparação da porcentagem de atos comunicativos com função menos interpessoal Jogo entre os períodos inicial (P1), intermediário (P2) e final (P3) na Situação Familiar

Bloco de Variáveis	n	Média	Desvio-padrão	Mínimo	Máximo	Significância (p)
p_J_P1_SF	18	3,40	5,70	0,00	20,00	
p_J_P2_SF	18	5,89	8,70	0,00	31,43	0,015
p_J_P3_SF	18	5,52	5,75	0,00	18,75	

Legenda: p_: porcentagem, J: função comunicativa menos interpessoal Jogo, P1: período inicial, P2: período intermediário, P3: período final e SF: Situação Familiar.

Tabela 13 – Diferença das porcentagens de atos comunicativos com função menos interpessoal Jogo entre os períodos inicial (P1), intermediário (P2) e final (P3) na Situação Familiar

Par de Variáveis	Significância (p)
p_J_P1_SF - p_J_P2_SF	0,048
p_J_P1_SF - p_J_P3_SF	0,041
p_J_P2_SF - p_J_P3_SF	0,435

Legenda: p_: porcentagem, J: função comunicativa menos interpessoal Jogo, P1: período inicial, P2: período intermediário, P3: período final e SF: Situação Familiar.

A análise da Situação Não-Familiar também evidencia apenas uma diferença significativa entre os três períodos analisados (P1, P2 e P3), referente às porcentagens de utilização da função Exploratória (Tabela 14), que demonstrou uma diminuição progressiva do seu uso no decorrer dos três períodos de troca comunicativa estudados, sendo verificada diferença estatisticamente significativa entre o primeiro (P1) e o último período de interação (P3), como se observa na Tabela 15.

Tabela 14 – Comparação da porcentagem de atos comunicativos com função menos interpessoal Exploratória entre os períodos inicial (P1), intermediário (P2) e final (P3) na Situação Não-Familiar

Bloco de Variáveis	n	Média	Desvio-padrão	Mínimo	Máximo	Significância (p)
p_XP_P1_SN	18	29,11	12,11	0,00	44,19	
p_XP_P2_SN	18	23,27	11,66	5,56	47,37	0,042
p_XP_P3_SN	18	19,99	9,31	4,69	35,48	

Legenda: p_: porcentagem, XP: função comunicativa menos interpessoal Exploratória, P1: período inicial, P2: período intermediário, P3: período final e SN: Situação Não-Familiar.

Tabela 15 – Diferença das porcentagens de atos comunicativos com função menos interpessoal Exploratória entre os períodos inicial (P1), intermediário (P2) e final (P3) na Situação Não-Familiar

Par de Variáveis	Significância (p)
p_XP_P1_SN - p_XP_P2_SN	0,078
p_XP_P1_SN - p_XP_P3_SN	0,031
p_XP_P2_SN - p_XP_P3_SN	0,170

Legenda: p_: porcentagem, XP: função comunicativa menos interpessoal Exploratória, P1: período inicial, P2: período intermediário, P3: período final e SN: Situação Não-Familiar.

A análise qualitativa das porcentagens encontradas permite verificar tendências semelhantes na utilização das funções comunicativas entre as situações para as funções comunicativas Exploratória, Performativa e Não-Focalizada (Gráfico 7).

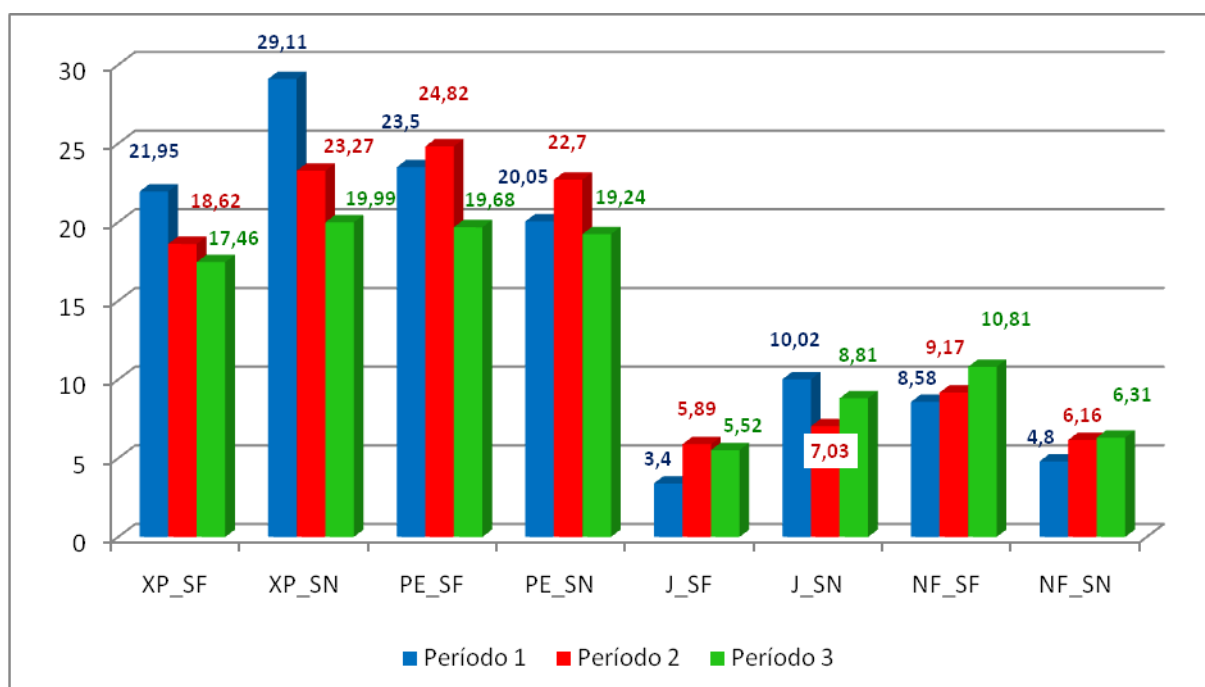
A função comunicativa Exploratória demonstra diminuição progressiva entre os períodos para ambas as situações (P1>P2>P3), sendo significativa apenas para a Situação Não-Familiar (Gráfico 7).

A função comunicativa Performativa aumentou do período inicial para o intermediário diminuindo no período final (P1<P2>P3) em ambas as situações comunicativas, porém tal diferença entre os períodos não apresenta significância estatística (Gráfico 7).

A utilização da função comunicativa menos interpessoal Não-Focalizada (NF) evidenciou aumento progressivo nos três períodos estudados (P1<P2<P3) tanto em Situação Familiar como em Situação Não-Familiar, como se observa no Gráfico 7.

A porcentagem de atos comunicativos com função Jogo não segue a mesma tendência de semelhança entre as situações, como verificado no Gráfico 7 e no Anexo 8 (pág. 119 e pág 121).

Gráfico 7 – Funções Comunicativas Menos Interpessoais: comparação das porcentagens médias encontradas em Situação Familiar e Não-Familiar em cada Período (P1, P2 e P3)



Legenda: XP: função comunicativa menos interpessoal Exploratória, PE: função comunicativa menos interpessoal Performativa, J: função comunicativa menos interpessoal Jogo, NF : função comunicativa menos interpessoal Não-Focalizada, SF: Situação Familiar, SN: Situação Não-Familiar e * : função comunicativa com diferença estatisticamente significativa entre os períodos (os valores estatísticos encontram-se no Anexo 8, pág. 114 e 116).

Verifica-se também algumas diferenças estatísticas em cada período (P1, P2 ou P3) entre as Situações (Familiar e Não-Familiar), conforme descrevem os dados a seguir.

No período inicial de interação (P1) verifica-se diferença significativa entre as situações (SF e SN) para duas das funções comunicativas menos interpessoais analisadas: Jogo e Não-Focalizada. A função comunicativa Jogo determinou maior porcentagem média de utilização na Situação Não-Familiar enquanto a função comunicativa menos interpessoal Não-Focalizada foi expressada em maior número de atos comunicativos na Situação Familiar (SF), como se observa na Tabela 16.

Tabela 16 – Comparação das funções comunicativas menos interpessoais com diferença significativa entre as Situações Familiar e Não-Familiar no Período Inicial (P1)

Par de Variáveis	n	Média	Desvio-padrão	Mínimo	Máximo	Significância (p)
p_J_P1_SF	18	3,40	5,70	0,00	20,00	0,011
p_J_P1_SN	18	10,02	6,89	0,00	24,00	
p_NF_P1_SF	18	8,58	8,41	0,00	30,23	0,041
p_NF_P1_SN	18	4,80	5,98	0,00	17,78	

Legenda: p_: porcentagem, J: função comunicativa menos interpessoal Jogo, NF: função comunicativa menos interpessoal Não-Focalizada, P1: período inicial, SF: Situação Familiar e SN: Situação Não-Familiar.

A ocorrência da função comunicativa menos interpessoal Não-Focalizada mostrou diferença estatisticamente significativa entre as Situações Familiar e Não-Familiar nos três períodos analisados (P1, P2 e P3), com maior frequência

na Situação Familiar também no período intermediário (Tabela 17) e no período final de interação (Tabela 18).

Tabela 17 – Comparação da função comunicativa menos interpessoal com diferença significativa entre as Situações Familiar e Não-Familiar no Período Intermediário (P2)

Par de Variáveis	n	Média	Desvio-padrão	Mínimo	Máximo	Significância (p)
p_NF_P2_SF	18	9,17	9,23	0,00	37,84	0,044
p_NF_P2_SN	18	6,16	6,12	0,00	21,74	

Legenda: p_: porcentagem, NF: função comunicativa menos interpessoal Não-Focalizada, P2: período intermediário, SF: Situação Familiar e SN: Situação Não-Familiar.

Tabela 18 – Comparação da função comunicativa menos interpessoal com diferença significativa entre as Situações Familiar e Não-Familiar no Período Final (P3)

Par de Variáveis	n	Média	Desvio-padrão	Mínimo	Máximo	Significância (p)
p_NF_P3_SF	18	10,81	8,81	0,00	28,21	0,010
p_NF_P3_SN	18	6,31	7,44	0,00	28,13	

Legenda: p_: porcentagem, NF: função comunicativa menos interpessoal Não-Focalizada, P3: período final, SF: Situação Familiar e SN: Situação Não-Familiar.

4.4 Discussão

Essa discussão seguirá uma ordem de organização diferente da utilizada na apresentação dos resultados. Inicialmente serão discutidos os dados dos períodos em cada situação: SF (P1 x P2 x P3) e SN (P1 x P2 X P3), em seguida serão discutidos os dados dos Períodos nas Situações (P1_SF x P1_SN, P2_SF x P2_SN, P3_SF x P3_SN).

Os resultados encontrados evidenciam poucas diferenças no desempenho comunicativo dos sujeitos no decorrer dos quinze minutos de interação independente da situação comunicativa. Das dezessete variáveis estudadas, verifica-se diferença significativa entre os períodos para duas delas (11,75%) em Situação Familiar (SF) (Tabelas 5 e 12) e para apenas uma (5,8%) em Situação Não-Familiar (SN) (Tabela 14).

Em Situação Familiar (SF) evidenciou-se uma progressão na porcentagem de interpessoalidade da comunicação dos sujeitos, demonstrando melhora qualitativa importante no comportamento comunicativo dos participantes quando em interação com seu terapeuta, em condições mais previsíveis de interação, como já mencionado por Cardoso (2001) que percebeu aumento da interpessoalidade após um ano de terapia fonoaudiológica nos sujeitos autistas de sua pesquisa, no mesmo modelo de atendimento utilizado na presente pesquisa.

Observa-se também uma variação na utilização de atos comunicativos com função de Jogo no decorrer dos três períodos. Os dados evidenciam diferença estatística significativa entre P1 e os momentos seguintes (Tabela 13), autorizando a hipótese de um aumento na organização dos sujeitos. Ou seja, eles

continuam auto-centrados, mas conseguem organizar atividades produtivas (Wheterby e Prutting, 1984 e Cardoso, 2001).

Na Situação Não-Familiar observa-se uma diminuição importante no uso da função Exploratória ao longo da interação, que pode sugerir uma adaptação à nova situação comunicativa, tanto em relação aos brinquedos quanto em relação ao adulto desconhecido, como observado por Cardoso (2001) em um período de um ano de terapia fonoaudiológica.

A comparação do desempenho comunicativo dos sujeitos em cada período de interação entre as situações permitiu identificar que as Situações tornaram-se mais semelhantes durante a interação, como se verifica no Quadro-Resumo 3. A queda no número de diferenças significativas entre as situações ao longo dos três períodos parece evidenciar essa tendência.

Quadro-Resumo 3 – Variáveis estatisticamente diferentes entre as Situações nos Períodos 1, 2 e 3 de interação

Períodos	Variáveis estatisticamente diferentes entre as Situações (SF e SN)			
P1	NF - SF > SN	re - SF > SN	J - SF < SN	am - SF > SN
P2	NF - SF > SN	re - SF > SN	ge - SF > SN	
P3	NF - SF > SN		ge - SF > SN	

Legenda: SF: Situação Familiar, SN: Situação Não-Familiar, P1: período inicial, P2: período intermediário, P3: período final, NF: função comunicativa menos interpessoal Não-Focalizada, re: número de respostas, ge: meio comunicativo Gestual, J: função comunicativa menos interpessoal Jogo, am: atos comunicativos por minuto.

A variável que determinou diferenças significativas entre as situações nos três períodos estudados foi o percentual de expressão da função comunicativa Não-Focalizada (Tabelas 16, 17 e 18). Cardoso (2001) verificou consistência na variação dos atos comunicativos com função Não-Focalizada em diferentes situações comunicativas, mostrando uma diminuição considerável destes no

decorrer do processo terapêutico, em todas as situações estudadas e para os três grupos considerados.

O percentual de utilização do meio comunicativo Gestual (p_ge) determinou diferenças entre as situações no 2º e 3º períodos de interação, observando-se maior utilização desse meio na Situação Familiar. Isso pode sugerir uma tentativa dos sujeitos de garantir a efetividade da comunicação com o interlocutor familiar. Uma vez que não houve diferenças significativas entre as situações para os meios comunicativos Verbal e Vocal, isso pode indicar que o meio comunicativo Gestual foi usado de maneira redundante com os meios comunicativos Verbal e Vocal, nesta situação.

O número de respostas (re) também evidenciou diferenças entre as situações em dois períodos, sendo eles, nesse caso, o 1º e o 2º períodos de interação, o que sugere que os sujeitos no decorrer da interação tornam-se mais responsivos ao interlocutor Não-Familiar, ao se observar semelhança nesta variável a partir do 3º período de interação.

O número de atos comunicativos expressos por minuto (atos/min) e a porcentagem de uso da função comunicativa menos interpessoal Jogo evidenciaram diferenças estatisticamente significativas apenas no 1º período de interação. A primeira variável (atos/min) evidencia que apenas no primeiro período de interação (P1) os sujeitos apresentam maior número de iniciativas comunicativas com parceiro comunicativo familiar (SF), mostrando-se semelhante nos demais períodos de interação. Enquanto a segunda variável (J), sugere que o sujeito autista está mais auto-centrado no período inicial de interação em Situação Não-Familiar (SN), mostrando-se semelhante nos demais períodos de interação.

4.5 Conclusão

A partir dos resultados obtidos e discutidos pode-se verificar a validade das hipóteses levantadas:

Hipótese 1 – parcialmente confirmada

Observou-se “melhora” no desempenho comunicativo dos sujeitos, relacionada apenas à variável (Porcentagem de Interpessoalidade) na Situação Familiar. Em relação à variável Jogo (SF) e XP (SN) não é possível afirmar que sua variação está relacionada a uma “melhora” no desempenho comunicativo dos sujeitos ao longo da interação.

Hipótese 2 – parcialmente confirmada

Observou-se diferença entre as situações comunicativas apenas para cinco (29,4%) das variáveis estudadas, entretanto, apenas uma delas (NF) mostrou-se diferente estatisticamente nos três períodos. Contudo, observa-se que há uma diminuição no número de variáveis diferentes estatisticamente ao longo dos períodos, como resumido no Quadro-Resumo 4.

Quadro-resumo 4 - Número de diferenças significativas encontradas em cada período entre as Situações Familiar e Não-Familiar

		Situação Familiar		
		P1	P2	P3
Situação Não-Familiar	P1	4		
	P2		3	
	P3			2

Legenda: P1: período inicial, P2: período intermediário e P3: período final.

Os dados também sugerem que os sujeitos apresentam maior homogeneidade no seu desempenho comunicativo em Situação Não-Familiar, apresentando variações mais importantes em Situação Familiar.

Conclui-se, desta forma, que o tempo de interação evidencia alguma interferência no desempenho de sujeitos autistas.

5. Conclusão Final

A inter-relação entre o Estudo 1 e o Estudo 2, permitiu verificar algumas correlações, descritas a seguir.

As diferenças estatisticamente significativas entre as Situações observadas no Estudo 1 (Quadro-Resumo 1), são as mesmas encontradas no período inicial de interação (P1) no Estudo 2 (Quadro-Resumo 3), o que permite afirmar que as variações entre as situações comunicativas ocorrem, principalmente nos primeiros cinco minutos de interação.

Desta forma, essas diferenças parecem sugerir que os interlocutores não-familiares tornam-se familiares após um curto período de tempo, como já observado por Nadel e seus colaboradores (2000).

A ausência de diferença entre interlocutores faz parte da sintomatologia do autismo, em que muitas vezes nem a mãe é identificada.

A presente pesquisa alcançou seu objetivo inicial ao verificar que variáveis como Familiaridade e Tempo de interação interferem no desempenho comunicativo de sujeitos autistas. Devendo-se ressaltar, contudo, que tal interferência é mínima.

Conclui-se, então, que o procedimento de avaliação nos mesmos moldes da Situação Familiar, usualmente utilizada para avaliação de sujeitos autistas no início e no decorrer do processo terapêutico no Laboratório de Investigação Fonoaudiológica nos Distúrbios do Espectro Autístico, mostrou-se o melhor procedimento na avaliação comunicativa dessa população, ao eliciar o desempenho ótimo dos sujeitos. Tem-se também que cinco minutos de interação da dupla terapeuta-paciente mostra-se suficiente para determinar o PFC dos

sujeitos, devendo-se, entretanto, eliminar os cinco minutos iniciais, nos quais se verifica maior diferença no desempenho comunicativo.



HOSPITAL DAS CLÍNICAS
DA FACULDADE DE MEDICINA
DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

APROVAÇÃO

A Comissão de Ética para Análise de Projetos de Pesquisa - CAPPesq da Diretoria Clínica do Hospital das Clínicas e da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, em sessão de 12.04.06, **APROVOU** o Protocolo de Pesquisa nº **208/06**, intitulado: "Avaliação da comunicação no espectro autístico: A interferência da familiaridade" apresentado pelo Departamento de **FISIOTERAPIA, FONOAUDIOLOGIA E TERAPIA OCUPACIONAL**.

Cabe ao pesquisador elaborar e apresentar à CAPPesq, os relatórios parciais e final sobre a pesquisa (Resolução do Conselho Nacional de Saúde nº 196, de 10.10.1996, inciso IX. 2, letra "c").

Pesquisador(a) Responsável: **Profa. Dra. Fernanda Dreux Miranda Fernandes**

Pesquisador(a) Executante: **Sra. Camila Ramos Moreira**

CAPPesq, 12 de Abril de 2006.

PROF. DR. CLAUDIO LEONE

Vice-Presidente da Comissão de Ética para Análise de Projetos de Pesquisa

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Instruções para preenchimento no verso)

I - DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO DA PESQUISA OU RESPONSÁVEL LEGAL

1. NOME DO PACIENTE :

DOCUMENTO DE IDENTIDADE Nº : SEXO : M F

DATA NASCIMENTO:/...../.....

ENDEREÇO Nº APTO:

BAIRRO: CIDADE

CEP:.....TELEFONE:DDD(.....)

2. RESPONSÁVEL LEGAL

NATUREZA (grau de parentesco, tutor, curador etc.)

DOCUMENTO DE IDENTIDADE :SEXO: M F

DATA NASCIMENTO:/...../.....

ENDEREÇO: Nº APTO: BAIRRO:

CIDADE:

CEP:..... TELEFONE: DDD (.....)

II - DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA

1. TÍTULO DO PROTOCOLO DE PESQUISA

“ Avaliação de Linguagem no Espectro autístico: Interferências no Desempenho de Linguagem”

PESQUISADOR: Camila Ramos Moreira

CARGO/FUNÇÃO: Fonoaudióloga

INSCRIÇÃO CONSELHO REGIONAL Nº 15.150

UNIDADE DO HCFMUSP: CDP – Depto de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina

3. AVALIAÇÃO DO RISCO DA PESQUISA:

SEM RISCO RISCO MÍNIMO X RISCO MÉDIO RISCO BAIXO RISCO MAIOR

(probabilidade de que o indivíduo sofra algum dano como consequência imediata ou tardia do estudo)

4. DURAÇÃO DA PESQUISA : 2 anos.

III - REGISTRO DAS EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO PACIENTE OU SEU REPRESENTANTE LEGAL SOBRE A PESQUISA CONSIGNANDO:

Este trabalho está sendo realizado com o objetivo de determinar a melhor forma da avaliação de comunicação de crianças autistas, auxiliando na prática terapêutica. Para tal, serão realizadas 2 (duas) filmagens de 30 minutos do seu filho, uma com a terapeuta e uma comigo, para análise da comunicação. As fitas

serão analisadas por mim de forma confidencial. Não são esperados desconfortos e riscos para seu filho. Sua colaboração irá ajudar na melhor compreensão desta doença.

V - ESCLARECIMENTOS DADOS PELO PESQUISADOR SOBRE GARANTIAS DO SUJEITO DA PESQUISA CONSIGNANDO:

È garantido à você acesso, a qualquer tempo, às informações sobre procedimentos, riscos e benefícios relacionados à pesquisa, inclusive para respostas à eventuais dúvidas. Também será garantida sua liberdade de retirar seu consentimento a qualquer momento e de deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo à continuidade da assistência. Os dados serão analisados de forma confidencial e sigilosa, sem expor individualmente as características do seu filho.

V. INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE INTERCORRÊNCIAS CLÍNICAS E REAÇÕES ADVERSAS.

Coloco-me à disposição para qualquer esclarecimento, agradecendo sua atenção e colaboração.

Fonoaudióloga Camila Ramos Moreira, CRF^a 15.150

Rua Cipotânea, 51 – Cidade Universitária – São Paulo

Fone para contato: (11) 81300274 / (11) 3091 8413

vi. OBSERVAÇÕES COMPLEMENTARES:

VII - CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Declaro que, após convenientemente esclarecido pelo pesquisador e ter entendido o que me foi explicado, consinto em participar do presente Protocolo de Pesquisa

São Paulo, de de 200 .

assinatura do sujeito da pesquisa ou responsável legal

assinatura do pesquisador
(carimbo ou nome Legível)

Capítulo 4 - Pragmática
Fernanda Dreux Miranda Fernandes

ANEXO 2
Pragmática. Ficha - Síntese

Nome				Diagnóstico			
Terapeuta							
D/N		Idade		Data		Fita	

Tempo : _____ minutos

Atos Comunicativos A: _____ **N Funções** 0
 C: **0** **Funções interativas** 0
 Total **0** **Atos Interativos** **0**

Atos Comunicativos por minuto **% int** 0
n° respostas 0

Função	Meio	N	%	Função	Meio	N	%	Função	Meio	N	%
	VE		0%		VE		0%		VE		0%
PO 0%	VO		0%	PS 0%	VO		0%	PI 0%	VO		0%
	G		0%		G		0%		G		0%
RO 0%	VE		0%	C 0%	VE		0%	N 0%	VE		0%
	VO		0%		VO		0%		VO		0%
	G		0%		G		0%		G		0%
EX 0%	VE		0%	NF 0%	VE		0%	XP 0%	VE		0%
	VO		0%		VO		0%		VO		0%
	G		0%		G		0%		G		0%
EP 0%	VE		0%	PA 0%	VE		0%	PC 0%	VE		0%
	VO		0%		VO		0%		VO		0%
	G		0%		G		0%		G		0%
PR 0%	VE		0%	E 0%	VE		0%	AR 0%	VE		0%
	VO		0%		VO		0%		VO		0%
	G		0%		G		0%		G		0%
PE 0%	VE		0%	JC 0%	VE		0%	J 0%	VE		0%
	VO		0%		VO		0%		VO		0%
	G		0%		G		0%		G		0%
NA 0%	VE		0%	RE 0%	VE		0%	0 TOTAL	VE	0	0%
	VO		0%		VO		0%		VO	0	0%
	G		0%		G		0%		G	0	0%



CAPÍTULO 4 - PRAGMÁTICA
FERNANDA DREUX MIRANDA FERNANDES

ANEXO 2

PRAGMÁTICA. FICHA - SÍNTESE

Nome:	
Idade:	Data:

Atos Comunicativos											
Total:			Por Minuto:			%					
Meio e Função Comunicativa											
Função	Meio	N	%	Função	Meio	N	%	Função	Meio	N	%
PO	VE			PS	VE			PI	VE		
	VO				VO				VO		
	G				G				G		
RO	VE			C	VE			N	VE		
	VO				VO				VO		
	G				G				G		
EX	VE			NF	VE			XP	VE		
	VO				VO				VO		
	G				G				G		
EP	VE			PA	VE			PC	VE		
	VO				VO				VO		
	G				G				G		
PR	VE			E	VE			AR	VE		
	VO				VO				VO		
	G				G				G		
PE	VE			JC	VE			J	VE		
	VO				VO				VO		
	G				G				G		
NA	VE			RE	VE			Total	VE		
	VO				VO				VO		
	G				G				G		

REFERENCIAR ESTE MATERIAL COMO:

FERNANDES, F.D.M. - Pragmática. In: ANDRADE, C.R.F.; BEFI-LOPES, D.M.; FERNANDES, F.D.M.; WERTZNER, H.F. - *ABFW: teste de linguagem infantil nas áreas de fonologia, vocabulário, fluência e pragmática*. Carapicuíba, Pró-Fono, 2000. (cap. 4)

Brinquedos da Situação Não-Familiar



Categorias Funcionais dos atos comunicativos: Funções comunicativas

PO – Pedido de objeto: Solicitação de um objeto concreto desejável;

PA – Pedido de ação: Solicitação de que o outro execute uma ação;

PS – Pedido de rotina social: Solicitação de que o outro inicie ou continue um jogo de interação;

PC – Pedido de consentimento: Solicitação de consentimento do parceiro de interlocução para realização de uma ação;

PI – Pedido de informação: Solicitação de uma informação sobre um objeto ou evento durante a interação;

PR – Protesto: Envolve a interrupção de uma ação indesejada do outro;

E – Exibição: Envolve uma ação que busca atrair a atenção do interlocutor para si;

C – Comentário: Intenção de dirigir a atenção do parceiro de interlocução para um objeto ou evento, incluindo apontar, mostrar, descrever, informar ou nomear de forma interativa;

EP – Expressão de protesto: Choro, manha, birra ou outra manifestação de protesto não necessariamente dirigida ao objeto, evento ou pessoa;

JC – Jogo compartilhado: Atividade organizada e compartilhada entre adulto e criança;

RO – Reconhecimento do Outro: Atos ou emissões usados para obter a atenção do outro e para indicar o reconhecimento de sua presença, incluindo cumprimentos, chamados, marcadores de polidez e de tema;

EX – Exclamativo: Expressão de uma reação emocional a um evento ou situação, incluindo expressões de surpresa, prazer, frustração e descontentamento, sucedendo imediatamente um evento significativo;

NA – Narrativa: Emissões destinadas a relatar fatos reais ou imaginários, podendo haver ou não atenção por parte do ouvinte;

RE – Reativo: Emissões produzidas enquanto a pessoa interage ou examina um objeto ou parte do corpo, não havendo evidência de intenção comunicativa, podendo servir a funções de treino ou auto-estimulação;

NF – Não-focalizado: Sem focalização da atenção em nenhum objeto ou pessoa pelo sujeito, podendo servir a funções de treino ou auto-estimulação;

J – Jogo: Atividade organizada, mas auto-centrada, inclui reações circulares primárias, podendo também servir a funções de treino ou auto estimulação;

XP – Exploratório: Atividade de investigação de um objeto, parte do corpo ou vestimentas do outro;

AR – Auto-regulatório: Controle verbal de sua própria ação. Emissões que ocorrem concomitantemente ao ato motor, ou precedem imediatamente tal ato;

N – Nomeação: Identificação do referente com intuito de focalizar sua própria atenção no referente; e

PE – Performativo: Utilização de esquemas de ações familiares aplicadas a objetos, incluindo efeitos sonoros e vocalizações ritualizadas em sincronia com o comportamento motor.

ESTUDO 1

Valores Estatísticos obtidos pela aplicação do Teste dos Postos Sinalizados de Wilcoxon, com intuito de verificar-se possíveis diferenças entre Situação Familiar e Não-Familiar:

Índices de Desempenho de Linguagem

Par de Variáveis	n	Média	Desvio-padrão	Mínimo	Máximo	Significância (p)
am_SF	18	10,17	2,66	5,93	16,80	0,031
am_SN	18	8,49	2,61	4,20	13,60	
fi_SF	18	7,44	2,12	3,00	10,00	0,564
fi_SN	18	7,22	2,34	3,00	12,00	
nf_SF	18	12,89	2,47	7,00	16,00	0,148
nf_SN	18	12,22	2,69	7,00	16,00	
p_int_SF	18	38,27	12,33	14,60	54,21	0,396
p_int_SN	18	35,06	12,01	18,20	63,23	
p_oe_SF	18	50,44	7,29	33,00	66,00	0,663
p_oe_SN	18	49,17	4,54	43,00	60,00	
re_SF	18	18,83	14,94	5,00	59,00	0,002
re_SN	18	11,50	8,85	1,00	25,00	

Meios Comunicativos

Par de Variáveis	n	Média	Desvio-padrão	Mínimo	Máximo	Significância (p)
ge_SF	18	90,02	11,46	59,22	100,00	0,287
ge_SN	18	88,56	11,23	65,74	100,00	
ve_SF	18	11,45	14,99	0,00	36,90	0,975
ve_SN	18	10,72	16,95	0,00	54,41	
vo_SF	18	19,74	19,19	0,97	62,96	0,776
vo_SN	18	17,63	16,71	1,41	67,92	

Funções Comunicativas

Par de Variáveis	n	Média	Desvio-padrão	Mínimo	Máximo	Significância (p)
p_C_SF	18	8,72	7,49	0,00	20,39	0,210
p_C_SN	18	10,61	9,23	0,00	35,54	
p_PR_SF	18	6,03	7,44	0,00	27,35	0,795
p_PR_SN	18	5,75	4,01	0,00	14,97	
p_RO_SF	18	8,24	5,93	0,00	20,90	0,062
p_RO_SN	18	6,47	4,64	0,00	17,48	
p_EP_SF	18	3,97	5,23	0,00	23,08	0,523
p_EP_SN	18	3,39	6,14	0,00	26,98	
p_J_SF	18	4,82	4,92	0,00	17,16	0,035
p_J_SN	18	8,44	7,15	0,00	25,74	
p_NF_SF	18	9,47	8,08	0,00	29,73	0,005
p_NF_SN	18	5,78	5,15	0,00	17,96	
p_PE_SF	18	22,65	10,75	0,00	40,00	0,523
p_PE_SN	18	20,68	12,49	0,00	39,44	
p_XP_SF	18	19,19	10,58	1,71	38,20	0,184
p_XP_SN	18	23,74	7,86	6,35	35,85	

ESTUDO 2

Valores Estatísticos obtidos pela aplicação do *Teste de Friedman*, com o intuito de verificar-se possíveis diferenças entre os três períodos (P1, P2 e P3) de Situação Familiar

Índices de Desempenho de Linguagem

Bloco de Variáveis	n	Média	Desvio-padrão	Mínimo	Máximo	Significância (p)
am_P1_SF	18	10,48	2,83	7,00	17,40	0,278
am_P2_SF	18	9,78	3,07	5,00	16,20	
am_P3_SF	18	10,27	2,92	3,20	16,80	
fi_P1_SF	18	5,28	1,78	2,00	8,00	0,799
fi_P2_SF	18	5,17	2,33	2,00	9,00	
fi_P3_SF	18	5,33	2,00	2,00	9,00	
nf_P1_SF	18	9,72	2,24	5,00	14,00	0,882
nf_P2_SF	18	9,72	2,54	5,00	13,00	
nf_P3_SF	18	10,06	2,21	5,00	14,00	
p_int_P1_SF	18	34,01	15,62	4,13	56,66	0,043
p_int_P2_SF	18	36,28	15,02	13,80	60,71	
p_int_P3_SF	18	40,88	13,06	12,50	56,82	
p_oe_P1_SF	18	49,56	6,97	35,00	70,00	0,197
p_oe_P2_SF	18	50,11	9,07	29,00	71,00	
p_oe_P3_SF	18	52,06	8,42	34,00	67,00	
re_P1_SF	18	7,61	6,34	0,00	23,00	0,051
re_P2_SF	18	5,56	5,41	0,00	21,00	
re_P3_SF	18	5,67	4,89	0,00	17,00	

Meios Comunicativos

Bloco de Variáveis	n	Média	Desvio-padrão	Mínimo	Máximo	Significância (p)
ge_P1_SF	18	91,35	7,77	74,71	100,00	0,282
ge_P2_SF	18	93,79	6,98	80,00	100,00	
ge_P3_SF	18	92,55	8,95	76,00	100,00	
ve_P1_SF	18	11,55	15,16	0,00	43,24	0,683
ve_P2_SF	18	11,46	16,61	0,00	47,54	
ve_P3_SF	18	11,42	14,67	0,00	41,94	
vo_P1_SF	18	15,02	16,12	0,00	60,00	0,079
vo_P2_SF	18	22,90	23,97	0,00	78,57	
vo_P3_SF	18	22,17	21,72	0,00	59,62	

Funções comunicativas

Bloco de Variáveis	n	Média	Desvio-padrão	Mínimo	Máximo	Significância (p)
p_C_P1_SF	18	8,42	8,05	0,00	24,00	0,331
p_C_P2_SF	18	9,89	8,90	0,00	28,00	
p_C_P3_SF	18	7,85	7,66	0,00	24,00	
p_PR_P1_SF	18	5,01	8,08	0,00	32,56	0,458
p_PR_P2_SF	18	6,19	7,73	0,00	22,58	
p_PR_P3_SF	18	6,70	9,07	0,00	31,11	
p_RO_P1_SF	18	8,60	6,11	0,00	21,57	0,252
p_RO_P2_SF	18	6,98	6,35	0,00	21,05	
p_RO_P3_SF	18	8,64	7,81	0,00	26,19	
p_EP_P1_SF	18	3,21	5,16	0,00	20,93	0,345
p_EP_P2_SF	18	4,15	6,47	0,00	28,13	
p_EP_P3_SF	18	4,64	5,89	0,00	21,43	
p_J_P1_SF	18	3,40	5,70	0,00	20,00	0,015
p_J_P2_SF	18	5,89	8,70	0,00	31,43	
p_J_P3_SF	18	5,52	5,75	0,00	18,75	
p_NF_P1_SF	18	8,58	8,41	0,00	30,23	0,252
p_NF_P2_SF	18	9,17	9,23	0,00	37,84	
p_NF_P3_SF	18	10,81	8,81	0,00	28,21	
p_PE_P1_SF	18	23,50	15,77	0,00	60,53	0,056
p_PE_P2_SF	18	24,82	11,57	0,00	48,48	
p_PE_P3_SF	18	19,68	10,40	0,00	35,71	
p_XP_P1_SF	18	21,95	13,89	2,70	45,76	0,358
p_XP_P2_SF	18	18,62	10,82	0,00	40,00	
p_XP_P3_SF	18	17,46	9,92	0,00	32,31	

Valores Estatísticos obtidos pela aplicação do *Teste dos Postos Sinalizados de Wilcoxon* para as duas variáveis em que diferenças estatisticamente significantes foram encontradas, para identificar quais períodos diferenciam-se dos demais (P1, P2 e P3)

Par de Variáveis	Significância (p)
p_int_P2_SF - p_int_P1_SF	0,372
p_int_P3_SF - p_int_P1_SF	0,009
p_int_P3_SF - p_int_P2_SF	0,094
p_J_P2_SF - p_J_P1_SF	0,048
p_J_P3_SF - p_J_P1_SF	0,041
p_J_P3_SF - p_J_P2_SF	0,435

Valores Estatísticos obtidos pela aplicação do *Teste de Friedman*, com o intuito de verificar-se possíveis diferenças entre os três períodos (P1, P2 e P3) de Situação Não-Familiar

Índices de Desempenho de Linguagem

Bloco de Variáveis	n	Média	Desvio-padrão	Mínimo	Máximo	Significância (p)
am_P1_SN	18	8,32	2,87	3,60	13,00	0,703
am_P2_SN	18	8,69	3,11	3,60	14,60	
am_P3_SN	18	8,50	2,82	4,80	13,20	
fi_P1_SN	18	4,56	1,79	2,00	8,00	0,488
fi_P2_SN	18	4,89	2,27	2,00	11,00	
fi_P3_SN	18	5,22	1,44	2,00	7,00	
nf_P1_SN	18	8,67	2,17	5,00	12,00	0,602
nf_P2_SN	18	9,22	2,58	5,00	15,00	
nf_P3_SN	18	9,39	2,12	4,00	12,00	
p_int_P1_SN	18	30,83	11,57	13,30	55,33	0,115
p_int_P2_SN	18	34,71	15,60	11,90	70,14	
p_int_P3_SN	18	39,69	13,19	23,91	75,75	
p_oe_P1_SN	18	48,06	6,71	35,00	61,00	0,471
p_oe_P2_SN	18	48,89	5,74	40,00	60,00	
p_oe_P3_SN	18	50,33	4,81	43,00	57,00	
re_P1_SN	18	3,67	3,85	0,00	12,00	0,540
re_P2_SN	18	3,56	2,89	0,00	10,00	
re_P3_SN	18	4,28	3,71	0,00	13,00	

Meios Comunicativos

Bloco de Variáveis	n	Média	Desvio-padrão	Mínimo	Máximo	Significância (p)
ge_P1_SN	18	89,95	12,70	55,56	100,00	0,449
ge_P2_SN	18	89,07	9,50	62,69	100,00	
ge_P3_SN	18	87,18	13,48	46,97	100,00	
ve_P1_SN	18	9,58	15,50	0,00	53,33	0,538
ve_P2_SN	18	10,25	18,13	0,00	56,16	
ve_P3_SN	18	12,08	19,74	0,00	65,15	
vo_P1_SN	18	12,16	14,38	0,00	54,39	0,058
vo_P2_SN	18	17,42	17,00	0,00	72,92	
vo_P3_SN	18	21,53	21,45	0,00	77,78	

Funções Comunicativas

Bloco de Variáveis	n	Média	Desvio-padrão	Mínimo	Máximo	Significância (p)
p_C_P1_SN	18	8,05	7,58	0,00	24,56	0,197
p_C_P2_SN	18	9,80	11,38	0,00	44,78	
p_C_P3_SN	18	12,98	12,61	0,00	45,45	
p_PR_P1_SN	18	4,86	5,05	0,00	15,79	0,244
p_PR_P2_SN	18	6,14	4,74	0,00	19,57	

p_PR_P3_SN	18	6,21	4,74	0,00	16,00	
p_RO_P1_SN	18	6,51	4,91	0,00	15,63	
p_RO_P2_SN	18	4,84	5,25	0,00	16,67	0,078
p_RO_P3_SN	18	7,04	5,49	0,00	17,19	
p_EP_P1_SN	18	2,52	4,93	0,00	20,00	
p_EP_P2_SN	18	4,38	7,96	0,00	33,33	0,458
p_EP_P3_SN	18	3,46	6,71	0,00	28,00	
p_J_P1_SN	18	10,02	6,89	0,00	24,00	
p_J_P2_SN	18	7,03	8,21	0,00	30,30	0,088
p_J_P3_SN	18	8,81	9,99	0,00	33,33	
p_NF_P1_SN	18	4,80	5,98	0,00	17,78	
p_NF_P2_SN	18	6,16	6,12	0,00	21,74	0,948
p_NF_P3_SN	18	6,31	7,44	0,00	28,13	
p_PE_P1_SN	18	20,05	13,36	0,00	39,68	
p_PE_P2_SN	18	22,70	14,34	0,00	47,92	0,137
p_PE_P3_SN	18	19,24	12,65	0,00	50,00	
p_XP_P1_SN	18	29,11	12,11	0,00	44,19	
p_XP_P2_SN	18	23,27	11,66	5,56	47,37	0,042
p_XP_P3_SN	18	19,99	9,31	4,69	35,48	

Valores Estatísticos obtidos pela aplicação do *Teste dos Postos Sinalizados de Wilcoxon* para a variável em que diferença estatisticamente significativa foi encontrada, para identificar quais períodos diferenciam-se dos demais (P1, P2 e P3)

Par de Variáveis	Significância (p)
p_XP_P2_SN - p_XP_P1_SN	0,078
p_XP_P3_SN - p_XP_P1_SN	0,031
p_XP_P3_SN - p_XP_P2_SN	0,170

Valores Estatísticos obtidos pela aplicação do *Teste dos Postos Sinalizados de Wilcoxon*, com o intuito de verificar-se possíveis diferenças entre os pares de períodos (P1 x P1, P2 x P2, P3 x P3) de Situação Familiar e Situação Não-Familiar

Índices de Desempenho de Linguagem

Par de Variáveis	n	Média	Desvio-padrão	Mínimo	Máximo	Significância (p)
am_P1_SF	18	10,48	2,83	7,00	17,40	
am_P1_SN	18	8,32	2,87	3,60	13,00	0,029
am_P2_SF	18	9,78	3,07	5,00	16,20	
am_P2_SN	18	8,69	3,11	3,60	14,60	0,127
am_P3_SF	18	10,27	2,92	3,20	16,80	
am_P3_SN	18	8,50	2,82	4,80	13,20	0,061

Par de Variáveis	n	Média	Desvio-padrão	Mínimo	Máximo	Significância (p)
fi_P1_SF	18	5,28	1,78	2,00	8,00	0,324
fi_P1_SN	18	4,56	1,79	2,00	8,00	
fi_P2_SF	18	5,17	2,33	2,00	9,00	0,450
fi_P2_SN	18	4,89	2,27	2,00	11,00	
fi_P3_SF	18	5,33	2,00	2,00	9,00	0,798
fi_P3_SN	18	5,22	1,44	2,00	7,00	
nf_P1_SF	18	9,72	2,24	5,00	14,00	0,138
nf_P1_SN	18	8,67	2,17	5,00	12,00	
nf_P2_SF	18	9,72	2,54	5,00	13,00	0,302
nf_P2_SN	18	9,22	2,58	5,00	15,00	
nf_P3_SF	18	10,06	2,21	5,00	14,00	0,304
nf_P3_SN	18	9,39	2,12	4,00	12,00	
p_int_P1_SF	18	34,01	15,62	4,13	56,66	0,472
p_int_P1_SN	18	30,83	11,57	13,30	55,33	
p_int_P2_SF	18	36,28	15,02	13,80	60,71	0,586
p_int_P2_SN	18	34,71	15,60	11,90	70,14	
p_int_P3_SF	18	40,88	13,06	12,50	56,82	0,811
p_int_P3_SN	18	39,69	13,19	23,91	75,75	
p_oe_P1_SF	18	49,56	6,97	35,00	70,00	0,776
p_oe_P1_SN	18	48,06	6,71	35,00	61,00	
p_oe_P2_SF	18	50,11	9,07	29,00	71,00	0,794
p_oe_P2_SN	18	48,89	5,74	40,00	60,00	
p_oe_P3_SF	18	52,06	8,42	34,00	67,00	0,295
p_oe_P3_SN	18	50,33	4,81	43,00	57,00	
re_P1_SF	18	7,61	6,34	0,00	23,00	0,001
re_P1_SN	18	3,67	3,85	0,00	12,00	
re_P2_SF	18	5,56	5,41	0,00	21,00	0,041
re_P2_SN	18	3,56	2,89	0,00	10,00	
re_P3_SF	18	5,67	4,89	0,00	17,00	0,194
re_P3_SN	18	4,28	3,71	0,00	13,00	

Meios Comunicativos

Par de Variáveis	n	Média	Desvio-padrão	Mínimo	Máximo	Significância (p)
ge_P1_SF	18	91,35	7,77	74,71	100,00	0,868
ge_P1_SN	18	89,95	12,70	55,56	100,00	
ge_P2_SF	18	93,79	6,98	80,00	100,00	0,022
ge_P2_SN	18	89,07	9,50	62,69	100,00	
ge_P3_SF	18	92,55	8,95	76,00	100,00	0,039
ge_P3_SN	18	87,18	13,48	46,97	100,00	
ve_P1_SF	18	11,55	15,16	0,00	43,24	0,552
ve_P1_SN	18	9,58	15,50	0,00	53,33	
ve_P2_SF	18	11,46	16,61	0,00	47,54	0,790
ve_P2_SN	18	10,25	18,13	0,00	56,16	

Par de Variáveis	n	Média	Desvio-padrão	Mínimo	Máximo	Significância (p)
ve_P3_SF	18	11,42	14,67	0,00	41,94	0,534
ve_P3_SN	18	12,08	19,74	0,00	65,15	
vo_P1_SF	18	15,02	16,12	0,00	60,00	0,586
vo_P1_SN	18	12,16	14,38	0,00	54,39	
vo_P2_SF	18	22,90	23,97	0,00	78,57	0,528
vo_P2_SN	18	17,42	17,00	0,00	72,92	
vo_P3_SF	18	22,17	21,72	0,00	59,62	0,906
vo_P3_SN	18	21,53	21,45	0,00	77,78	

Funções Comunicativas

Par de Variáveis	n	Média	Desvio-padrão	Mínimo	Máximo	Significância (p)
p_C_P1_SF	18	8,42	8,05	0,00	24,00	0,795
p_C_P1_SN	18	8,05	7,58	0,00	24,56	
p_C_P2_SF	18	9,89	8,90	0,00	28,00	0,756
p_C_P2_SN	18	9,80	11,38	0,00	44,78	
p_C_P3_SF	18	7,85	7,66	0,00	24,00	0,062
p_C_P3_SN	18	12,98	12,61	0,00	45,45	
p_PR_P1_SF	18	5,01	8,08	0,00	32,56	0,609
p_PR_P1_SN	18	4,86	5,05	0,00	15,79	
p_PR_P2_SF	18	6,19	7,73	0,00	22,58	> 0,999
p_PR_P2_SN	18	6,14	4,74	0,00	19,57	
p_PR_P3_SF	18	6,70	9,07	0,00	31,11	0,776
p_PR_P3_SN	18	6,21	4,74	0,00	16,00	
p_RO_P1_SF	18	8,60	6,11	0,00	21,57	0,381
p_RO_P1_SN	18	6,51	4,91	0,00	15,63	
p_RO_P2_SF	18	6,98	6,35	0,00	21,05	0,068
p_RO_P2_SN	18	4,84	5,25	0,00	16,67	
p_RO_P3_SF	18	8,64	7,81	0,00	26,19	0,309
p_RO_P3_SN	18	7,04	5,49	0,00	17,19	
p_EP_P1_SF	18	3,21	5,16	0,00	20,93	0,433
p_EP_P1_SN	18	2,52	4,93	0,00	20,00	
p_EP_P2_SF	18	4,15	6,47	0,00	28,13	0,776
p_EP_P2_SN	18	4,38	7,96	0,00	33,33	
p_EP_P3_SF	18	4,64	5,89	0,00	21,43	0,379
p_EP_P3_SN	18	3,46	6,71	0,00	28,00	
p_J_P1_SF	18	3,40	5,70	0,00	20,00	0,011
p_J_P1_SN	18	10,02	6,89	0,00	24,00	
p_J_P2_SF	18	5,89	8,70	0,00	31,43	0,266
p_J_P2_SN	18	7,03	8,21	0,00	30,30	
p_J_P3_SF	18	5,52	5,75	0,00	18,75	0,076
p_J_P3_SN	18	8,81	9,99	0,00	33,33	
p_NF_P1_SF	18	8,58	8,41	0,00	30,23	0,041

Par de Variáveis	n	Média	Desvio-padrão	Mínimo	Máximo	Significância (p)
p_NF_P1_SN	18	4,80	5,98	0,00	17,78	
p_NF_P2_SF	18	9,17	9,23	0,00	37,84	0,044
p_NF_P2_SN	18	6,16	6,12	0,00	21,74	
p_NF_P3_SF	18	10,81	8,81	0,00	28,21	0,010
p_NF_P3_SN	18	6,31	7,44	0,00	28,13	
p_PE_P1_SF	18	23,50	15,77	0,00	60,53	0,094
p_PE_P1_SN	18	20,05	13,36	0,00	39,68	
p_PE_P2_SF	18	24,82	11,57	0,00	48,48	0,554
p_PE_P2_SN	18	22,70	14,34	0,00	47,92	
p_PE_P3_SF	18	19,68	10,40	0,00	35,71	0,906
p_PE_P3_SN	18	19,24	12,65	0,00	50,00	
p_XP_P1_SF	18	21,95	13,89	2,70	45,76	0,122
p_XP_P1_SN	18	29,11	12,11	0,00	44,19	
p_XP_P2_SF	18	18,62	10,82	0,00	40,00	0,372
p_XP_P2_SN	18	23,27	11,66	5,56	47,37	
p_XP_P3_SF	18	17,46	9,92	0,00	32,31	0,356
p_XP_P3_SN	18	19,99	9,31	4,69	35,48	

7. Referências Bibliográficas

Amato CAH. Estudo Comparativo dos Processos de Aquisição da linguagem não verbal em crianças pré-Verbais autistas e normais [dissertação]. São Paulo: Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, 2000.

American Psychiatric Association. Manual de diagnostic e estatística de distúrbios mentais (DSM-IV). São Paulo: Manole; 1994.

Austin, J.L.; Quando dizer é fazer – palavras e ação; tradução de Danilo Marcondes de Souza Filho do Original em inglês How to do things with words, 1962; Porto Alegre, Artes Médicas, 1990.

Bara BG, Bucciarelli M, Colle L. Communicative Habilities in Autism: evidence for attentional deficits. Brain Lang 2001; 77:216-240.

Barbosa MRP, Faustino KAKS, Moreira CR, Miilher LP, Fernandes FDM. Adequação das respostas encadeadas de pacientes do espectro autístico. In: 15o Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia e 7o Congresso Internacional de Fonoaudiologia, 2007, Gramado. São Paulo: Rev Soc Bras Fonoaudiol - Suplemento Especial. Copy Press; 2007.

Baron-Cohen S. Social and pragmatic deficits in autism: cognitive or affective? J Autism Dev Disord. 1988; 29 (4): 379-402.

Bartolucci G. Formal Aspects of Language in Childhood Autism, Advances in Child Behavioral Analysis and Therapy. 1982; 2: 159-185.

Bates E. Language and context: the acquisition of pragmatics. New York: Academic Press; 1976.

Befi-Lopes DM, Cattoni DM e Almeida RC. Avaliação de Aspectos da pragmática em crianças com alteração no desenvolvimento de linguagem. Pro Fono. 2000; 12 (2): 39-47.

Bernard-Optiz V. Pragmatic analysis of the communicative behavior of an autistic child. J Speech Hear Disord. 1982; v.47:99-109.

Bishop D. Autism, Asperger's Syndrome and Semantic pragmatic disorder: Where are the boundaries? British J Disord Commun. 1989; 24(2): 107-121.

Cardoso CA. Atuação fonoaudiológica em uma instituição psiquiátrica com crianças do espectro autístico [dissertação]. São Paulo: Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, 2001.

Cardoso C, Fernandes FDM. Uso de funções comunicativas interpessoais e não interpessoais em crianças do espectro autístico. Pro Fono. 2003; 15(3): 279-386.

Cervone LM, Fernandes FDM. Análise do Perfil comunicativo de crianças de 4 e 5 anos na interação com o adulto. Rev Soc Bras Fonoaudiol. 2005; 10(2):97-105.

Clark P, Rutter M. Autistic children's responses structure and to interpersonal demands. J Autism Dev Disord. 1981; 11: 201-217.

Dissanayake C, Sigman M. Attachment and emotional responsiveness in children with autism. In GLIDDEN LM. International Review of Research in Mental Retardation. New York, 2001. 239-266.

Fernandes FDM. A questão da linguagem em autismo infantil: uma revisão crítica da literatura. Rev Neuropsiq Infância e Adolescência. 1994; 2 (3):5-10.

Fernandes FDM. Aspectos funcionais da comunicação de crianças com síndrome autística [Tese-Doutorado]. São Paulo: Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1995.

Fernandes FDM. Autismo Infantil – repensando o enfoque fonoaudiológico - aspectos funcionais da comunicação. São Paulo: Lovise, 1996.

Fernandes FDM. Sistematização de dados referentes à atuação fonoaudiológica em hospital-dia infantil: o perfil comunicativo como indicador de desempenho. Pro Fono. 2000; 12 (1):10-16.

Fernandes FDM. Pragmática. In: Andrade CRF, Befi-lobes DM, Fernandes FDM; Wertzner HF. ABFW - Teste de Linguagem Infantil nas Áreas de Fonologia, Vocabulário, Fluência e Pragmática. 1a ed. Carapicuíba: Pró-Fono, 2000, v. 1, p. 77-89.

Fernandes FDM, Barros CHC. Funções comunicativas expressas por crianças autistas - o uso de procedimentos específicos para inseri-las no contexto da terapia de linguagem. J Bras de Fonoaudiol. 2001; 2(6):45-54.

Fernandes FDM. Sugestões de procedimentos terapêuticos de linguagem em distúrbios do espectro autístico. In: Limongi SCO (org). Procedimentos Terapêuticos em Linguagem. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2003. p. 55-66.

Fernandes FDM. Pragmática. In: Andrade CRF, Befi-Iopes DM, Fernandes FDM; Wertzner HF. ABFW - Teste de Linguagem Infantil nas Áreas de Fonologia, Vocabulário, Fluência e Pragmática. (2a edição - revisada, ampliada e atualizada). Barueri: Pró-Fono, 2004. v. 1, p. 83-97.

Fernandes FDM, Molini-avejonas DR, Miilher LP, Teles P, Moreira CR, Mathias PP, Senefonte CB. Estudo evolutivo de crianças do espectro autístico em teste de vocabulário. XII Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia II Congresso Sulbrasileiro de Fonoaudiologia, Foz do Iguaçu, 2004.

KENT, R. D. org. Pragmatics - The MIT encyclopedia of communication disorders. Massachusetts: Institute of Technology, 2004.

Klein BP, Marvis CB. Cognitive strengths and weak-nesses of 9 and 10 years old with syndrome or Down Syndrome. Develop Neuropsychology. 1999; 16:177-196.

Klin A. Brief Report: Interater reability of clinical diagnosis and DSM-VI autism field trial. Languge J, Cicchetti BV, Volkman, FR (org). J Autism Dev Disord. 2000; 30(2).

Koegel LK. Interventions to facilitate communication in autism. J. Autism Dev Disord. 2000; 30(5):291-383.

Limongi, SCO. Paralisia cerebral: linguagem e cognição. 1. ed. Carapicuíba: Pró-Fono Departamento Editorial, 1995.

Loveland KA, Landry SH. Joint attention and language in autism and development language delay. J Autism Develop Disord. 1986; 16 (3):335-349.

Loveland KA, Landry SH, Hughes SO, Hall SK, McEvoy RE. Speech acts and pragmatic deficits of autism. J Speech Hear Res. 1988; 31(4):593-604.

Meadan H, Halle J, Ostrosky MM, DeStefano L. Communicative behavior in the natural environment: case studies of two children with autism and limited expressive language. Focus on Autism. 2008; 23(1):37-48.

Miilher LP, Fernandes FDM. Análise das funções comunicativas expressas por terapeutas e pacientes do espectro autístico. Pro Fono. 2006; 18(3):239-248.

Misquiatti ARN. A interferência do contexto ambiental no desempenho funcional da comunicação de crianças com transtorno do espectro autístico [Tese-Doutorado]. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2006.

Molini-Avejonas DR. A análise do desempenho sócio-cognitivo como elemento de pareamento de crianças autistas, portadoras de síndrome de down e normais, para a análise da comunicação [Tese-Doutorado] São Paulo: Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, 2004.

Moreira CR, Miilher LP, Fernandes, FDM, Molini-Avejonas DR, Teles P, Mathias PP. Estudo evolutivo do léxico espontâneo em crianças do espectro autístico. XII Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia II Congresso Sulbrasileiro de Fonoaudiologia, Foz do Iguaçu, 2004.

Moreira CR, Faustino KAKS, Miilher LP, Barbosa MRP, Fernandes FDM. Fonoaudiologia baseada em evidências com indivíduos do espectro autístico: estudo longitudinal dos índices conversacionais e da qualidade das respostas. In: 15o Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia e 7o Congresso Internacional de Fonoaudiologia, 2007, Gramado. São Paulo: Rev Soc Bras Fonoaudiol - Suplemento Especial. Copy Press; 2007.

Mundy P, Sigman M, Ungerer J, Sherman T. Nonverbal communication and play correlates of language development in autistic children. J Autism Develop Disord. 1987; 17(3):349-364.

Nadel J, Croué S, Mattinger M-J, Canet P, Hudelot C, Lécuyer C, Martini M. Do children with autism have expectancies about the social behavior of unfamiliar people?. Autism. 2000; 4(2):133-145.

National Research Council Education children with autism. Committee on Educational Interventions for Children with Autism . Division of behavioral and Social Sciences and Education. Washington, DC: National Academy Press; 2001.

Ogletree BT, Pierce K, Harn WE, Fischer MA. Assessment of communication and language in classical autism: issues and practices. *Assesment for Effective Intervention*. 2002; 27-61.

Organização Mundial de Saúde. *Classificação Internacional de Doenças*. 10. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

Perissinoto JD. Distúrbios de linguagem. In: Schwartzman JC, Assumpção FJr. (orgs). *Autismo infantil*. São Paulo: Mennon; 1995.

Porto E, Limongi SCO, Santos IG, Fernandes FDM. Amostra de filmagem e análise da pragmática na síndrome de Down. *Pro Fono*. 2007; 19:159-166.

Prizant BM, Duchant J. The functions of immediate echolalia in autistic children. *J Speech Hear Disord*. 1981; 46:241-249.

Prizant B. Language acquisition and communicative behavior in autism: toward an understanding of the "whole" of it. *J Speech Lang Hear Res*. 1983; 48:286-396.

Prizant BM, Rydell PJ. Analysis of functions of delayed echolalia in autistic children. *J Speech Hear Res*. 1984; 27(2):183-192.

Prutting CA. Pragmatic as social competence. *J Speech Hear Disord*. 1982; 47:123-143.

Rocha LC, Befi-Lopes DM. Análise pragmática das respostas de crianças com e sem distúrbio específico de linguagem. *Pro Fono*. 2006; 18(3):229-238.

Rodrigues, A. Aspectos Semânticos e pragmáticos nas alterações de desenvolvimento de linguagem [dissertação]. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2002.

Schwartz IS, Boulware G-L, McBride BJ, Sandall SR. Functional assessment strategies for young children with autism. Focus on Autism. 2001; 15(4).

Sigman M, Capps L. Children with autism: a developmental perspective. Cambridge, MA: Harvard University Press. 1997.

Stone W, Caro-Martinez LM. Naturalistic observations of spontaneous communication in autistic children. J Autism Dev Disord. 1990; 20(4):437-453.

Tager-flusberg H. On the nature of linguistic functioning in early infantile autism. J Autism Dev Disord, 1981; 11:45-56.

Tager-flusberg H. Strategies for conducting research on language in autism. J Autism Dev Disord. 2004; 34(1).

Warreyn P, Roeyers H, De Groote I, Early I. [Early social communicative behaviours of preschoolers with autism spectrum disorder during interaction with their mothers](#). Autism. 2005; 9(4):342-361.

Waterhouse L, Wing L, Fein D. Re-evaluating the syndrome of autism in the light of empirical research. In G. Dawson et al. (eds.) Autism: Nature, diagnosis, and treatment, 263-281. New York: Guilford, 1989.

Wetherby A, Prutting C. Profiles of communicative and cognitive-social abilities in autistic children. *J Speech Hear Disord.* 1984; 27:364-377.

Wheterby AM. Ontogeny of communicative functions in autism. *J Autism Develop Disord.* 1986; 16(03).

Wheterby AM, Prizant BM, Schuler A. The nature of comunication and language impairments. In: Wheterby AM, Prizant BM. *Autism Spectrum Disorders, a Transacional Developmental Perspective.* Paulh Brooks Publishing Co. Baltimore, vol 9, cap 6, 2001.

Wing L. Asperger´s syndrome: a clinical account. *Psycho Med.* 1981; 11:115-129.

WING, L The continumm of autistic characteristics In: SCHOPLER, E. & MESIBOV, G.B. (Eds) *Diagnosis and Assessment in Autism.* New York: Plenum Press, 1989.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)